



UPANISHAD VAHINI



por Bhagavan Sri Sathya Sai Baba



UPANISHAD VAHINI

Bhagavan Sri Sathya Sai Baba

Copyright 2008 © by Fundação Bhagavan Sri Sathya Sai Baba do Brasil

Todos os direitos reservados:

Os direitos autorais e de tradução em qualquer língua são de direito dos publicadores. Nenhuma parte, passagem, texto, fotografia ou trabalho de arte pode ser reproduzido, transmitido ou utilizado, seja no original ou em traduções sob qualquer forma ou por qualquer meios, eletrônicos, mecânicos, fotocópia, gravação ou por qualquer meio de armazenamento, exceto com devida permissão por escrito de Sri Sathya Sai Books & Publications Trust, Prasanthi Nilayam (Andhra Pradesh) Índia.

Publicado por:

Fundação Bhagavan Sri Sathya Sai Baba do Brasil

Rua Pereira Nunes, 310 – Vila Isabel CEP: 20511-120 – Rio de Janeiro – RJ Televidas: (21) 2288-9508

E-mail: fundacao@fundacaosai.org.br Loja virtual: www.fundacaosai.org.br Site Oficial no Brasil: www.sathyasai.org.br

Tradução:

Coordenação de Publicação /Conselho Central Organização Sri Sathya Sai do Brasil

Organização Sri Sathya Sai do Brasil www.sathyasai.org.br

UPANISHAD VAHINI

SUMÁRIO

CARO LEITOR.....	4
QUEM É BHAGAVAN SRI SATHYA SAI BABA?.....	5
CARO LEITOR.....	6
I - UPANISHAD VAHINI.....	8
II - ISAVASYOPANISHAD.....	14
III - KATHOPANISHAD.....	20
IV - MUNDAKOPANISHAD.....	27
V- MANDUKYOPANISHAD.....	32
VI - BRIHADARANYAKOPANISHAD.....	39
VII - PRASNOPANISHAD.....	48
VIII - KENOPANISHAD.....	54
IX - CHANDOGYA UPANISHAD.....	60
X - AITHAREYOPANISHAD.....	68
XI - TAITTIRIYOPANISHAD.....	72
XII - BRAHMANUBHAVA UPANISHAD.....	79

CARO LEITOR

Traduzir a Palavra Divina jamais foi uma tarefa fácil em qualquer época da humanidade, pois a fonte pura pode facilmente perder suas qualidades em contato com mãos impróprias. Por isso, pedimos constantemente a Bhagavan que mantivesse pura Sua Fonte de Amor e Sabedoria durante nossa humilde tarefa de tradução e revisão do Conhecimento Libertador para a língua portuguesa.

Para facilitar a compreensão e a leitura, colocamos no final do livro um vocabulário de sânscrito adequado aos termos empregados no livro. Com o fluir da leitura, alguns termos serão naturalmente incorporados ao seu vocabulário, como Brahma, Atma, Jnana, etc. Outros termos, por associação de palavras, serão facilmente compreendidos. Ainda assim, a compreensão dos termos em sânscrito não é essencial, pois a Mensagem que permeia o livro, além de inestimável, é de fácil entendimento.

Procuramos, neste trabalho, fazer uma tradução inteligível a todos aqueles que, mesmo não sendo iniciados espiritualmente, desejem entrar em contato com o cerne mais profundo da Mensagem Espiritual do Avatar para a humanidade atual.

Que a Sua Mensagem sacie a você, que busca na Fonte do Amor e da Sabedoria, o Conhecimento Absoluto Libertador.

Com Amor,

Coordenação de Publicação/Conselho Central do Brasil

ORGANIZAÇÃO SRI SATHYA SAI BABA DO BRASIL

QUEM É BHAGAVAN SRI SATHYA SAI BABA?

Sathya Sai Baba é, sem sombra de dúvida, o mais notável fenômeno espiritual de nossos dias. Testado, analisado, pesquisado, desafiado, confirmado e comprovado por multidões de cientistas e pesquisadores, além de médiuns e espiritualistas renomados do mundo inteiro, por mais de sete décadas ininterruptas, Seus feitos e milagres atraem aqueles sedentos da cura tida como impossível, outros ávidos pela solução do problema insolúvel e mesmo pessoas que buscam Amor para seus corações áridos e descrentes. Milhões em todo o mundo saciaram suas necessidades vindo até Ele.

Onisciência, Onipotência, Onipresença, Bem-Aventuraça, Misericórdia sem limites e Infinito Amor. Essas são algumas das Suas qualidades manifestas e comprovadas. Qual é a Sua Mensagem para o mundo? “Amem a Todos, Sirvam a Todos”; “Mãos que Servem são mais sagradas que Lábios que Oram”; “”; “A essência da Minha Mensagem é o Amor”; e “A meta suprema é a divinização do homem” - diz Ele, comprovando Sua origem Divina. Por tudo isso, na Índia, ele é considerado um Avatar (Manifestação Divina).

Neste livro, Sai Baba apresenta o Vahini (fluir) da Sabedoria Suprema das Upanishads, escrituras sagradas multimilenares que, segundo Baba, apresenta o Mais Elevado Conhecimento, o Conhecimento Absoluto, através do qual tudo o mais passa a ser conhecido: Brahman (Deus).

Com Amor,

Coordenação de Publicação/Conselho Central do Brasil

ORGANIZAÇÃO SRI SATHYA SAI BABA DO BRASIL

CARO LEITOR

Bhagavan¹ Sri Sathya Sai Baba nasceu entre os homens e está concedendo orientação e apoio espiritual a fim de restabelecer a Verdade, a Justiça, a Paz e o Amor como os principais motivadores da vida individual, social e nacional. Para essa grande tarefa, ele utiliza instrumentos antigos e modernos como o Sanathana Dharma² e a ciência. Seus livros, discursos e conversas que corrigem, comunicam e convencem, estão cheios de citações e comentários sobre as descobertas das ciências físicas e metafísicas.

Este livro que traz, em inglês, Seus artigos (primeiramente publicados em télugo, na revista Sanathana Sarathi³) sobre as dez Upanishads⁴ (inestimáveis livros de estudo acerca da disciplina espiritual e dos gloriosos frutos da aventura espiritual) irá lhes revelar a vasta e ilimitada misericórdia que O impele a nos salvar da vulgaridade e O estimula a nos guiar até atingirmos o Objetivo da Vida.

1. Glorioso, Divino, Venerável, Sagrado. Título conferido ao Senhor Supremo no hinduísmo.
2. Religião Eterna. É o nome que os indianos dão ao sistema de crenças e disciplinas espirituais que os ocidentais chamam de "Hinduísmo".
3. O Eterno Condutor, título dado a Krishna. Também é o nome da revista mensal oficial da Organização Sri Sathya Sai, publicada desde 1957, disponível em inglês no site internacional da Índia e também disponível em português no site da Organização Sai do Brasil (alguns números).
4. Literalmente, "sentar-se perto e ouvir"; antigos textos Védicos, transmitidos por sábios e videntes, contendo suas experiências e ensinamentos sobre a realidade última. São a essência dos Vedas.

Faz-nos trilhar o caminho descoberto pelos Sábios do passado, nos induz a reverenciar a Luz e a Mensagem deles, acende em nós a Chama do Conhecimento que dissipa a ilusão – é isso o que Bhagavan, com Seu Supremo Amor, faz por nós neste livro.

Leiamos este livro com cuidado, recapitulando-o com seriedade no silêncio dos nossos corações e praticando com humildade e fé em cada mudança do pensamento, em cada movimento da língua, em cada fragmento da ação.

N. Kasturi

Prasanthi Nilayam, 21 de abril de 1968.



I - UPANISHAD VAHINI

O homem é essencialmente Divino. Contudo, ele se vê como um indivíduo, limitado e temporário, porque está emaranhado nas características dos Cinco Elementos, ou seja, som, toque, forma, sabor e odor. Esse erro ocasiona alegria e sofrimento, bem e mal, nascimento e morte. Livrar-se dessa ligação aos elementos, libertar-se das influências de suas características é o sinal de Libertação, chamado em sânscrito Kaivalya-Moksha ou Mukthi. Os nomes podem variar, porém o objetivo alcançado é o mesmo.

Enquanto emaranhado nos cinco elementos, o homem é seduzido, distraído ou desapontado por eles. Tudo isso causa sofrimento. A riqueza, as posses - veículos, edifícios - tudo é transmutação dos cinco elementos. O homem anseia por eles e os menospreza quando os perde ou não consegue obtê-los.

Vamos analisar os Cinco Elementos um por um. Os seres vivos possuem o primeiro elemento, a Terra, como sua base. A Água, o segundo elemento, é a base para a Terra. A Água é produzida pelo Fogo, o terceiro elemento, que provém do Vento, o quarto elemento. O Vento ou Vayu surge do Éter, ou Akasa. Akasa emerge da Natureza Primordial, que nada mais é que a manifestação de um dos aspectos da majestade de Deus ou o Supremo Soberano Atma, o Paramatma.

Buscando esse Paramatma, origem e essência do universo, o Indivíduo ou Jivi, que se emaranhou nos elementos, tem que superar os elos, um por um, através do discernimento e da prática constante do desapego. Essa pessoa é um Sadhaka. Aquele que vence essa batalha é o Jiva muktha, o “Liberto ainda em vida”.

Para desenvolver esse discernimento e visualizar a sua realidade inata, a pessoa deve estudar as Upanishads. Elas são chamadas co-

letivamente de Vedanta. Formam o Jnana-kanda dos Vedas, a seção que trata da Sabedoria mais Elevada. A libertação das conseqüências da Ignorância pode ser assegurada somente pelo Conhecimento ou Jnana. As próprias Upanishads declaram: Jnaanaad eva thu kaivalyam; “Somente pelo Conhecimento a liberdade pode ser conquistada”.

Os Vedas são famosos por serem “tripartite”. “Kanda-thrayath-makam”; as três partes são Jnana, Upasana e Karma. Essas três partes são também encontradas nas Upanishads. Elas também proporcionam a base dos sistemas filosóficos Adwaita, Visishtadwaita e Dwaita.

O termo Upanishad designa o estudo e a prática da verdade inata. Brahma vidya significa a supremacia da contemplação espiritual. A palavra Yogasastra designa a agitação mental que conduz ao sucesso. Qual é a principal atividade necessária ao homem? Qual o elemento básico a ser conhecido? É somente uma realidade básica. As Upanishads descrevem as várias fases e os diferentes métodos dessa busca para a realização desse objetivo.

O termo é cheio de significados. “Upa” significa o processo de estudar com “Nishta” ou afínco. “Shad” significa o alcance da Realidade Última. Daí surgiu a palavra Upa-ni-shad. As Upanishads não ensinam somente os princípios do Atma Vidya , mas ensinam também a maneira prática de realização desse princípio. Elas apontam não apenas os trabalhos e obrigações a serem realizados, mas também as ações a serem empreendidas e aquelas a serem evitadas. A Gita⁵ nada mais é do que a essência das Upanishads. Através dos ensinamentos da Gita, Arjuna colheu os frutos da obediência às Upanishads. Nas Upanishads encontra-se a afirmação “Tat-twam-asi”

5. Bhagavad Gita, A Canção do Divino. A Gita está contida no Mahabharata e conta a história da batalha de Kurukshetra. Seus 700 versos constituem o ensinamento espiritual dado por Krishna ao seu discípulo Arjuna no campo de Batalha.

“Tu és Aquele”. Na Gita, Krishna diz a Arjuna: “Eu sou Arjuna entre os Pandavas”, quer dizer “Eu e Você somos o mesmo”, ou seja, “Tu és Aquele”, isto é, Jiva⁶ e Iswara (Deus) são o mesmo ser.

Portanto, quer na Gita ou nas Upanishads, o ensinamento é a Não-Dualidade⁷ ou Monismo qualificado. O olho humano não pode penetrar nem no microcosmo, nem no macrocosmo. Não pode desvendar o mistério do vírus, ou do átomo, ou do universo estelar. Por isso, os cientistas valem-se do telescópio e do microscópio para complementar a capacidade dos olhos. Similarmente, os sábios são capazes de vivenciar a Divindade através dos olhos do conhecimento obtido pela obediência ao Dharma da conduta moral e da disciplina espiritual. Quando os olhos humanos necessitam de instrumentos externos para observar até mesmo um insignificante verme ou vírus, como o homem pode se recusar a passar pelo processo do mantra⁸ quando deseja ver o Princípio onipresente e transcenden-

6. Alma Individual. Talvez possa haver dificuldade em se perceber a diferença entre Atma e jiva. O Atma é a divindade inerente no homem, o próprio Deus que habita em cada ser e, como tal, livre de ilusões. O jiva é seu reflexo, a alma afetada pelo ego, que vê o corpo como sua parte constitutiva e passa por várias encarnações, assumindo novos envoltórios carnisais.

7. É uma tradução literal do termo sânscrito *advaita*, “não dois”. Na filosofia ocidental há um conceito semelhante, o Monismo, do grego “*Monos*”, único, sem divisão. De acordo com esses conceitos, embora os fenômenos sejam diferentes, não possuem uma realidade intrínseca, independente das causas e condições das quais eles surgem.

8. *Mantra/mantram* - Uma fórmula sagrada, sílaba mística ou palavra símbolo proferida durante a realização de rituais ou meditação. Representam as verdades espirituais reveladas diretamente aos Rishis (os visionários). A seção dos Vedas que contém esses hinos (Mantras) é chamada o *Samhitha*.

te? É muito difícil conquistar o olho da sabedoria. A concentração é essencial para isso. E, para a concentração se desenvolver e se estabilizar, três coisas são muito importantes: pureza de consciência, percepção moral e discernimento espiritual. Essas qualificações são difíceis de alcançar pelas pessoas comuns.

O homem é dotado com o instrumento do discernimento, do julgamento, da análise e síntese, que somente ele possui, dentre todos os animais. Ele deve desenvolver e utilizar esses instrumentos para o melhor propósito, pois é através deles que poderá realizar a Divindade Imanente.

Ao invés disso, o homem atormenta a si mesmo e aos outros com questões como: onde Deus reside? Se Ele é real, por que não pode ser visto? Ouvindo-se essas perguntas sente-se pena dos pobres questionadores, pois anunciam a própria insensatez. São como tolos que aspiram aos títulos universitários sem ao menos se esforçarem para aprender o alfabeto. Eles aspiram compreender Deus sem impor a si mesmos o trabalho de praticar o Sadhana (disciplina espiritual) necessário. As pessoas que não possuem força e pureza moral falam de Deus e da Sua existência e menosprezam os esforços para vivenciá-Lo. Essas pessoas não têm o direito de serem ouvidas.

O Sadhana Espiritual está baseado nos sagrados Sastras⁹. Eles não podem ser dominados num piscar de olhos. Não podem ser adquiridos através de discursos. Suas mensagens estão resumidas nas Upanishads, portanto são respeitadas por sua autoridade. Não são produtos da inteligência humana. São os sussurros de Deus para o homem. São partes dos eternos Vedas, que brilham gloriosamente através de todas as suas partes.

9. Sastras – Livros sagrados do hinduísmo contendo os ensinamentos dos Rishis (sábios). Os Vedas, as Upanishads, os Ithihasas (epopéias), os Puranas e os Smrithis (códigos de conduta), etc., formam os Sastras dos hindus. Eles ensinam os princípios da vida prática.

As Upanishads são autênticas e possuem autoridade, pois compartilham a glória dos Vedas. São em número de 1180, mas, com o passar dos séculos, muitas delas desapareceram da memória humana e agora somente 108 sobreviveram. Dessas, 10 alcançaram grande popularidade em virtude da profundidade e valor dos seus conteúdos.

O sábio Vyasa classificou as Upanishads e dividiu-as entre os quatro Vedas. O Rig Veda¹⁰ possui 21 ramificações e há uma Upanishad destinada a cada ramificação. O Yajur Veda¹¹ possui 109 ramificações e 109 Upanishads. O Atharvana¹² Veda possui 50 ramificações e as 50 Upanishads estão distribuídas nelas. O Samaveda¹³ tem mil ramificações e os restantes mil Upanishads fazem parte dele. Deste modo, as 1180 Upanishads foram distribuídas por Vyasa pelos quatro Vedas.

Sankaracharya destacou a posição de 10 dentre as Upanishads, escolhendo-as para escrever seus comentários, tornando-as, assim, especialmente importantes. Através delas, a humanidade pode se erguer ou cair. Todos aqueles que buscam o progresso e o bem-estar humano estão agora temendo que até mesmo essas dez sejam

10. O primeiro e o mais importante dos quatro Vedas, pois todos os outros três derivam dele.

11. Um dos quatro Vedas. Contém textos religiosos com foco na liturgia, realização de rituais e sacrifícios. Foi escrito entre 1500 AC e 500 AC, juntamente com os outros Vedas.

12. O quarto livro dos Vedas. Considerado por muitos como uma ciência obscura e mística, tratando dos espíritos e da vida após a morte. Consiste, principalmente, em magias e encantamentos para proteger contra demônios e calamidades e magias para a cura de doenças e uma vida longa.

13. O terceiro dos quatro Vedas. Consiste principalmente de hinos a serem cantados pelos sacerdotes em importantes sacrifícios, nos quais o suco da planta Soma, clarificado e misturado com leite e outros ingredientes, é oferecido em libação a várias deidades.

esquecidas, porque tal negligência conduzirá a humanidade a um desastre moral e espiritual. Entretanto não há razão para tal apreensão. Os Vedas jamais serão prejudicados. Os sábios e as pessoas de fé devem apresentar perante a humanidade ao menos essas dez Upanishads, que são: Isa, Kena, Katha, Prasna, Mundaka, Mandukya, Thaittiriya, Aithareya, Chandogya e Brihadaranyaka.

As 98 restantes são : Brahma, Kaivalya, Svethasva, Jabali, Hamsa, Garbha, Aruni, Paramahamsa, Amrithanada, Narayani, Amrithabindu, Atharvasikha, Atharvasira, Kasithara, Mathrayani, Nrisimhatapani, Brahmajabala, Maithreya, Kalagnirudra, Sulabha, Manthrika, Kshithi, Niraa-lamba, Sarvahara, Vajrasuchika, Subharahasya, Thejobindu, Nadabindu, DhyanaBindu, Brahmavidya, Atmabodhaka, Yoga, Thathwa, Naradapari-vrajaka, Brahmana, Sita, Yogachudamani, Nirvaana, Mandala, Dakshina-murthi, Skandaa, Sarabha, Adwaita, Thaaraka, Mahanarayana, Sowbhagyalakshmi, Saraswathirahasya, Mukthika, Bhavaricha, Ramathapana, Ramarahasya, Mudgali, Vasudeva, Pingala, Sandilya, Mahabhikshuka, Yogasiksha, Sanyasa, Thuriyathitha, Parmaparivrajaka, Narasimha, Akshamalika, Annapoorna, Ekakshara, Akshika, Adhathya, Surya, Kundisakhya, Aatma, Savithri, Parabrahma, Pasupatha, Thripurathapana, Avadhooiha, Thripura, Devi, Bhavana, Katha, Yogakundali, Rudrahrdaya, Rudraksha, Bhasma, Darsana, Ganapathi, Thahasata, Mahavakya, Panchabrahma, Gopalathapani, Pranagnihotra, Garuda, Krishna, Datthatreya, Varaaha, Yajnavalkya, Sathyaayana, Avyvektha, Hayagriva e Kalisantharna.

As Upanishads também inspiraram trabalhos em geografia, astronomia, economia e teoria política, bem como os 18 Puranas, que incluem Skanda, Siva, Garuda e outros. Os Vedas e as Upanishads são os verdadeiros fundamentos do Sanathana Dharma.

Há uma característica interessante a ser apontada. Essa religião não possui um fundador como as outras. Esse fundador invisível é

Deus, a fonte de toda a sabedoria. Ele é o Profeta desse Sanathana Dharma. Ele é o fundador. Sua Graça e Inspiração manifestaram-se através dos sábios puros e eles se tornaram os porta-vozes desse Dharma. Quando a pureza moral dos homens se degenera, Deus toma forma na graça e inspiração dos sábios e mestres. Ele também falou através das Upanishads da Sathya-Jnana, a Sabedoria a respeito da Realidade.

II – ISAVASYOPANISHAD

O Senhor, decidido a regenerar o mundo, transmitiu os Vedas através de Hiranyagarbha. Depois Hiranyagarbha, por sua vez, passou-os aos Seus dez Manasaputhras (filhos nascidos da mente), incluindo Athri e Marichi. A partir deles, os Vedas espalharam-se pela humanidade, transmitidos de geração em geração. Com o passar do tempo, eras acumuladas e continentes movidos, alguns Vedas se perderam ou foram negligenciados, considerados muito difíceis para o entendimento e apenas quatro sobreviveram até os tempos modernos. Esses quatro foram ensinados por Vedavyasa, o maior dentre os expoentes dos Vedas, aos seus discípulos durante a Dwapara Yuga (a Era em que os elementos divinos e demoníacos viviam no mesmo reino).

Quando Vyasa apresentava os Vedas, empenhado em divulgar as escrituras sagradas, um dos seus discípulos, chamado Yajnavalkya, atraiu a sua cólera e, como punição, teve que regurgitar o Yajurveda que já havia aprendido sob os cuidados do seu guru e abandonar o lugar, refugiando-se em Suryadeva, o local do tesouro dos Vedas. Então os Rishis, que reverenciavam os Vedas, voaram até o local sob a forma dos pássaros Thiththiri e enguliram o Yajurveda regurgitado. Essa seção particular dos Vedas é chamada “Thaithiriyam”.

Nesse ínterim, Suryadeva estava satisfeito com a devoção e a firmeza do infelizmente Yajnavalkya. Ele assumiu a forma de um Vaji ou Cavalo e abençoou o sábio com um conhecimento renovado do Yajurveda. As seções então ensinadas pelo Vaji passaram a ser chamadas “Vajasaneyi”. O Yajurveda propagado por Vedavyasa é chamado Krishnayajurveda e aquele transmitido por Yajnavalkya é chamado Suklayajurveda. Nesses, os primeiros capítulos são mantras relacionados ao Karma kanda¹⁴ e as últimas seções tratam do Jnana kanda¹⁵.

A Isavasya Upanishad é relativa a esse Jnanakanda. Como o mantra de abertura dessa Upanishad começa com as palavras “Isavasyam”, a Upanishad é chamada por esse nome.

“Isavasyamidam sarvam yathkinchajagathyam jagath Thena thyakthena bhunjethah, maa gridhah kasyaswid-dhanam”

“Todas as coisas deste mundo, o transitório, o evanescente, estão envolvidas pelo Senhor, que é a verdadeira Realidade. Portanto, devem ser utilizadas com renúncia e reverência, sem cobiça ou avaréza, pois pertencem a Deus e não a qualquer pessoa.”. Esse é o significado desse sloka¹⁶.

Isso quer dizer que o Universo é a Imanência do Senhor, Sua Forma, Seu Corpo. É errado tomar o Universo e o seu Senhor como diferentes. É uma ilusão, um produto da imaginação do homem. Assim como a sua imagem refletida na água não é diferente de você, o Universo, que é a imagem do Senhor, produzida pela sua Ignorância, é o mesmo que Ele próprio.

14. A seção dos Vedas que trata dos Karmas, a soma das tendências inatas formadas em conseqüência de atos realizados em vidas passadas.

15. Os poemas dos Vedas que tratam da sabedoria espiritual.

16. Verso.

Enquanto tiver essa ilusão, o homem não poderá visualizar a Realidade imanente nele mesmo. Por outro lado, se acostumar-se aos poucos aos pensamentos, palavras e atos errados. Um pedaço de sândalo, se mantido na água, produzirá mau cheiro, mas se for retirado e esfregado como pasta, o perfume original retornará. Quando a autoridade dos Vedas e Sastras é respeitada e quando a discriminação é aguçada pela prática do Dharma Karmas, o mau cheiro da injustiça e da maldade desaparecerá e o puro perfume inato do Atma emergirá. Então, a dualidade entre aquele que faz e aquele que usufrui desaparecerá. Assim, você alcançará o estágio chamado Sarvakarmasanyas, a cessação de toda a atividade. Nesta Upanishad, esse tipo de Sanyasa¹⁷ é descrito como o caminho da Libertação ou Moksha.

O sanyasa que envolve a destruição dos três desejos (por um cônjuge, por descendência e por riqueza) é muito difícil de ser obtido sem a pureza de Chitta ou mente.

Nesta Upanishad, os meios para atingi-lo estão declarados no segundo mantra, Que diz: realize o Agnihotra¹⁸ etc. prescrito nos Sastras, acredite que, para a libertação, deve-se estar ativamente engajado nesse trabalho e esteja convencido de que nenhum pecado pode fisgá-lo enquanto estiver totalmente engajado nesse esforço

17. Sanyasa / Sanyaasa - Vida de renúncia, afastada de todo o prazer. Trabalho feito sem levar em conta o sucesso ou fracasso. Quem segue esse caminho é chamado sanyasi, sanyasin ou sanyasi.

18. Ritual védico, realizado ao amanhecer e ao pôr-do-sol. O praticante se purifica com água e faz oferendas ao fogo sagrado entoando versos sagrados e recitando orações para Agni. Agni significa fogo e hotra, cura. Agnihotra significa, pois, o fogo da cura. Entre os hindus, que seguem o caminho védico do Sanathana Dharma, Agnihotra é considerado um processo de purificação da atmosfera.

de libertação. O trabalho, sem o desejo pelos seus frutos, limpa lentamente as impurezas, como o cadinho do ourives. A mente pura é Jnana¹⁹. Isto é a culminância do desapego.

Se você for capaz de se despojar do desejo enquanto estiver trabalhando, nenhuma impureza poderá tocá-lo. Você sabe que a semente de “Chilliginji”, quando cai na água lamacenta, tem o poder de separar a sujeira e depositá-la no fundo. A semente também afunda, e desaparece do campo de visão! Do mesmo modo, aqueles que forem capazes de realizar o karma sem apego terão suas mentes perfeitamente limpas e os resultados dos seus atos perderão a efetividade e submergirão.

Dos 18 mantras desta Upanishad, apenas os dois primeiros tratam diretamente do problema da Libertação e da sua explicação. Os outros dezesseis elaboram essa explicação e servem como comentários sobre o assunto.

O Atma²⁰ jamais sofre qualquer modificação e também é mais rápido do que a mente! Esse é o mistério e o milagre. Parece experimentar todos os estados, mas não está sujeito a crescimento, declínio ou mudança. Apesar de estar em toda parte, não é perceptível pelos sentidos. É por causa da sua existência latente e da imanência sempre presentes que o todo o crescimento, toda a atividade e todas as mudanças acontecem. As causas e os efeitos agem e reagem por causa do estrato básico da realidade Átmica. A própria palavra “Isa”²¹ (de Isavasyopanishad) tem este significado. O Atma está per-

19. Conhecimento verdadeiro, o conhecimento de si mesmo.

20. A Centelha Divina, Deus interior, Ser Interno ou Eu Verdadeiro. A realidade última de todos os seres segundo o Hinduísmo.

21. De Isavasyopanishad.

to e longe, dentro e fora, parado e em movimento. Aquele que conhece essa verdade é digno de ser chamado de Jnani²².

O ignorante nunca poderá compreender o fato da imanência do Atma. Aqueles que estão conscientes dessa verdade podem ver as coisas e sentir a sua presença perto deles. Aqueles que perderam essa consciência procurarão as jóias perdidas, quando, na verdade, estarão usando-as no momento. Embora possam saber de todas essas coisas, concebem o Atma como existindo em algum lugar inatingível, inacessível, por causa da perda de consciência. Mas o Jnani, que está desperto, vê o Atma em todos os seres e todos os seres como o Atma. Ele vê todos os seres como um só e não percebe distinção ou diferença neles. Assim, ele se salva da dualidade.

O Isavasya torna essa Verdade clara para todos. O Jnani que experimentou essa visão não será perturbado pelos golpes da fortuna ou pela fascinação dos sentidos. Vê todos os seres como ele mesmo, mantendo sua própria identidade inata. Está livre dos apegos, do Dharma e do Adharma, das necessidades e dos anseios do corpo. Ele é Swayamprakaasa (auto-resplandecente)... por isso, o Jiva-rupa²³ não é a sua verdadeira forma, nem mesmo os corpos grosseiro e sutil chamados Sthula (grosseiro) e o Sukshma (sutil) sariras (corpos).

É por isso que, no primeiro manthra do Isavasya, é apresentado o Jnana Nishta²⁴, que se caracteriza pela ausência de anseios de quaisquer espécies. Esse é o Vedartha²⁵ básico, mas aqueles que possuem desejos encontrarão dificuldades em alcançar a estabilidade nesse

22. Homem sábio.

23. A alma encarnada, identificada com o ego, i.e., o indivíduo.

24. Decidido a adquirir conhecimento espiritual.

25. Propósito, meta dos Vedas.

Nishta²⁶ ou estado da mente. Assim sendo, o segundo mantra indica um meio secundário, o Karma Nishta (determinação na busca das boas ações). O restante dos Mantras desenvolve e apóia esses dois nishtas - baseados no Jnana e no Karma. . O KarmaNishta tem o Desejo e a Ilusão como os principais estimuladores. O JnanaNishta apresenta Vairagya²⁷, a convicção de que o mundo não é o Atma, isto é, não é verdadeiro e, portanto, é inútil dar qualquer atenção a ele. Essa atitude de negação do Vairagya é o portão de entrada para o JnanaNishta. Do terceiro ao décimo oitavo Manthra é descrita a real natureza do Atma através da condenação de Avidya (ignorância) que impede a compreensão do Atma.

Assim, o Isavasya ensina a lição da renúncia através do primeiro mantra e a lição da “atividade libertadora” através do Karma destituído de Raga (paixão, apego) e Duesha (raiva, ódio, aversão) no segundo. No quarto e quinto manthra, fala-se de Atmathatwa (fé em Deus) e, em seguida, dos frutos do conhecimento desse Atmathatwa. No nono mantra é exposto o caminho da libertação progressiva, ou Karmamukthi (útil para aqueles que estão muito fracos para seguir o caminho da renúncia total, mas que são capazes de atos proveitosos para o desenvolvimento moral e purificação interior). Este é o caminho que coordena todos os Karmas no princípio de Upasana (contemplação ou adoração a Deus). É dito que aqueles que estão engajados em atos contrários à Vidya (Sabedoria), estão cheios de Ajnana (Ignorância). Aqueles que se limitam ao estudo e prática de formas divinas são ainda piores, devido ao desejo deles por poderes e habilidades. É dito que Vidya conduz a

26. Estado de espírito ou determinação, disciplinado ou regulado pelo comportamento, prática, busca constante.

27. Desapego.

Deva Loka²⁸; e que o Karma leva ao Pithr Loka²⁹. (Pithr-loka). Então, o Jnana que alcançou Atmasakshatkara ou Auto-realização é algo completamente distinto destes, e nenhuma tentativa de coordenar os dois pode ser bem sucedida.

É claro que a pessoa não deveria se ocupar com nada oposto ao Sas-tras; e, em ultima análise, todas as ações são classificadas como Avidya. Na melhor das hipóteses, o karma pode ajudar apenas a limpar a mente e o Upasana dos Deuses pode conduzir à determinação.

O Upasana tem que se elevar ao nível da adoração da Divindade Cós-mica, o Hiranyagarbha. Deve amadurecer e evoluir como Jivamukthi (alma realizada) antes do final desta vida. O Devata-Jnana e o Karma-Nishta são complementares e coordenados. Por isso, o indivíduo pode escapar do círculo de nascimentos e mortes e se tornar Divino.

III – KATHOPANISHAD

A história de Nachikethas³⁰, que foi iniciado na disciplina espiritual pelo próprio Yama (Deus da Morte), é encontrada nesta Upanishad. A mesma história é mencionada também no Thaittiriya Brahmana e no Mahabharatha, no 106º capítulo do Anusaasanaparva³¹. Esta Upa-

28. No Hinduismo, é um plano de existência onde vivem os deuses e deusas. Os deva lokas são usualmente descritos como um lugar de benevolência e luz eternas.

29. Reino do gozo dos frutos das ações.

30. Nachikethas: Filho do sábio Vajashravas, oferecido a Yama, o Deus da Morte, por questionar o presente de vacas velhas e inúteis que seu pai tencionava dar às pessoas piedosas.

31. Anusaasanaparva (Anushaasanaparva). Famosa seção do Mahabharatha que trata dos princípios morais.

nishad tornou-se famosa por sua clareza e profundidade de imaginação. Muitos dos pensamentos expressos aqui podem ser encontrados no Bhagavadgita. Uma vez que esta Upanishad pertence ao Katha Sakha da escola de Krishna Yajurveda, ela é chamada Kathopanishad.

Um ritualista muito rigoroso chamado Vajasravas, também conhecido como Gouthama, realizou uma Yaga (sacrifício). Como parte do sacrifício, ofereceu vacas que não eram mais capazes de comer capim ou beber água e muito menos de produzir leite! Elas eram muito velhas para qualquer propósito útil. Vendo isto, seu filho virtuoso e inteligente, chamado Nachikethas, percebeu que o pai estava em grande desgraça em virtude de suas oferendas pecaminosas. Até onde ia o seu poder, o menino queria salvar o pai de seu destino. Então perguntou ao seu pai para quem ele pretendia oferecê-lo como oferenda! Insistiu muito para que ele também fosse oferecido a alguém. O pai ficou tão enfurecido que gritou desgostoso, “Eu estou oferecendo você ao Deus da Morte!”. Então Nachikethas concluiu que as palavras de seu pai eram verdadeiras, apesar de terem sido pronunciadas em Jivaloka, o reino contaminado pelo nascimento e morte. Assim, persuadiu o pai a oferecê-lo a Yama por meio de um rígido ritual. Nachikethas, prontamente, dirigiu-se para a morada do Deus da Morte. Teve de esperar três noites antes que pudesse ver Yama. Yama desculpou-se pela demora em recebê-lo e lhe prometeu três bênçãos, uma para cada noite passada do lado de fora de sua porta.

Primeiro Nachikethas queria que, quando retornasse por ordem de Yama à sua terra natal e ao seu lar, seu pai o recebesse com alegria, livre de qualquer raiva por sua impertinência anterior, cheio de equanimidade mental. O seu segundo desejo era conhecer o segredo da inexistência de fome ou de sede ou de medo da morte no

céu. De boa vontade, Yama concedeu ao jovem essas bênçãos. Além disso, Yama iniciou-o nos Mistérios de um ritual especial. Nachikethas ouviu tudo com reverência e reteve rápida e claramente os detalhes daquele ritual. Yama estava tão satisfeito com o seu novo discípulo que deu ao Yaga um novo nome: Nachiketha Agni! Esta foi uma bênção a mais para o jovem visitante. Nachikethas disse: *“Mestre, o homem é mortal. Mas alguns dizem que a morte não é o fim, que existe uma entidade, chamada Atma, que sobrevive ao corpo e aos sentidos. Outros argumentam que não existe tal entidade. Agora que eu tenho a oportunidade, gostaria de saber do Senhor a respeito do Atma”*.

Yama quis testar as credenciais de firmeza e entusiasmo do seu questionador para conhecer a Sabedoria Mais Elevada. Se ele fosse indigno, Yama não lhe comunicaria o entendimento do Atma. Assim, ao invés de responder à pergunta, Ele lhe ofereceu várias outras bênçãos, todas relacionadas à prosperidade e felicidade mundanas. Disse-lhe que o Atma é algo muito sutil e evasivo, que está além do alcance do entendimento ordinário e colocou diante dele outros presentes atraentes que poderiam ser aproveitados mais rapidamente e “melhor”. Nachikethas replicou: *“Venerado Mestre! Sua descrição da dificuldade de entendimento dessa Verdade me faz sentir que não devo deixar passar esta chance, pois não posso ter um instrutor mais qualificado que o Senhor para explicá-la para mim. Peço-lhe isso como minha terceira bênção e nenhuma outra coisa mais. Os benefícios alternativos que o Senhor colocou diante de mim não podem me assegurar o eterno benefício que o Atmajnana (Sabedoria da verdadeira essência) pode me conceder”*.

Vendo esta Sraddha³² e esta firmeza, Yama ficou satisfeito e con-

32. Fé.

cluiu que Nachikethas estava pronto para receber a Sabedoria Mais Elevada. Ele disse: *“Bem, Meu querido rapaz! Existem dois tipos distintos de experiências e desejos chamados Sreyas³³ e Preyas³⁴. Ambos afetam o indivíduo. O primeiro o liberta, o segundo o escraviza. Um leva à salvação e o outro ao encarceramento! Se você buscar o caminho de Preya, deixará longe, bem para trás, a realização do maior objetivo do homem. O caminho de Sreya somente pode ser discernido pelo intelecto refinado, por Viveka (Discernimento). O caminho de Preya é trilhado pelos ignorantes e pervertidos. Vidya (Sabedoria) revela Sreyas, e Avidya (Ignorância) faz você resvalar para Preyas. Naturalmente, aqueles que buscam o caminho de Sreyas são muito raros.”*

Yama continuou: *“O Atma é imperturbável, sereno. É a Consciência, infinita e plena. Aquele que tiver conhecido o Atma não será movido por idéias dualistas como ‘ser’ ou ‘não ser’, ‘realizador’ e ‘não-realizador’, etc. O Atma não é um objeto a ser reconhecido! Não é o conhecedor, nem o conhecido e nem mesmo o conhecimento. Descobrimos essa Visão mais suprema e informando uma dessas mais supremas Instruções, o Instrutor é Brahman, e o Instruído também é Brahman. A compreensão dessa Verdade sempre presente nos salva de todo apego e perturbação e, assim, nos liberta do nascimento e da morte. Este grande Mistério não pode ser apreendido pela lógica; deve ser obtido através da Fé no Código das Leis (Smrithis) e vivenciado.*

“O Atma pode ser conhecido apenas após imensa perseverança. A pessoa deve desviar a mente do seu habitat natural – o mundo objetivo – e mantê-la em absoluta equanimidade. Somente um herói pode ter êxito nessa aventura interna solitária e sobrepujar os monstros do egoísmo e da ilusão! Só essa vitória remove o sofrimento”.

33. Bem-aventurança.

34. Satisfação dos sentidos.

O ensinamento do Vedanta é que a Verdade Mais Elevada pode ser realizada por todos. Todos os textos proclamam isso a uma só voz. Dizem também que o Pranava ou sílaba OM é o símbolo do Para (mais elevado) e do Apara (inferior) Brahman. Declaram que a Upasana do Pranava traz ao seu alcance até mesmo o estágio de Hiranyagarbha (a manifestação de Deus), ajudando-o, também, a alcançar os dois estágios de Brahman. O Hiranyagarbha está envolto pelo mais fino véu de Maya³⁵ e, através do OM, este véu pode ser rasgado e ambos, Para e Apara Brahman, podem ser realizados.

O Kathopanishad também acrescenta outras informações acerca do Atma de diversas maneiras. Ele diz que o Atma é imensurável, que nunca poderá ser contido por quaisquer limitações, embora possa parecer que sim. A imagem do Sol num lago tremula e balança devido ao tremular e balançar da superfície da água; mas o sol não é mais do que uma testemunha distante. Não é afetado pelo meio que produz a sua imagem. Da mesma forma, o Atma é a testemunha de todas essas mudanças no espaço e no tempo.

O Jiva, a Ignorância Individualizada, é o protagonista dos frutos das ações, do certo e do errado, do bem e do mal; jivi³⁶ cria a escravidão através do Egoísmo e livra-se dela por meio de Buddhi (intelecto), a força contrária à ignorância. Compreenda que tudo é conquistado no momento em que os indriyas³⁷ (internos e externos) são colocados fora de ação. Descarte-os como falsos e ilusórios. Junte-os todos no Manas (mente). Lance Manas de volta para Buddhi e Buddhi ou Inteligência Individualizada de volta para a Inteligência Cósmica de Hiranyagarbha.

35. Ilusão. Crença de que o mundo dos fenômenos é a única realidade.

36. Alma individualizada.

37. Órgãos do conhecimento e da percepção.

E, tendo atingido tal estágio do Sadhana, una a Inteligência Cósmica ao Atmathathwa do qual não é mais que a sua manifestação. Então você atingirá o estágio de Nivikalpasamadhi, a perfeita e serena equanimidade da Unidade Absoluta, que é a sua verdadeira Natureza. Esse é o segredo apresentado por esta Upanishad junto ao fato de que toda a criação é uma proliferação de Nama (Nomes) e de Rupa (Formas).

Iludido pela miragem, você é incapaz de ver o deserto desolado. Ame-drontado pela cobra (imaginada por você, pois é somente uma corda), é incapaz de discernir a realidade básica. A ilusão sem começo nem fim que assedia o Jivi deve ser destruída. O 14º mantra desta Upanishad accorda o Jivi do sono das eras e o conduz em direção à meta.

O Atma está além de Sabda (ouvidos), Sparsa (olhos), Rupa (forma), Rasa (sabor) e Gandha (odor). É infinito. Os sentidos estão ligados aos objetos, ao mundo externo. O Atma é o instrumento principal de toda atividade e conhecimento, a força motriz interna por trás de tudo o que existe. Essa ilusão de diversidade, variedade, multiplicidade, numerosidade, tem de morrer. Ela nasce de Ajnana (ignorância). A diversidade é uma miragem causada pelas “circunstâncias”. O sentimento de que você está separado da Unidade é a raiz de todo esse aparente Nascimento e Morte pelo qual o indivíduo parece passar. Assim Yama declarou a Natureza de Brahman a Nachikethas para remover suas dúvidas sobre esse assunto.

Como a luz escondida pela fumaça, o Purusha³⁸ do tamanho de um polegar (o Angushtamaathra³⁹), brilha eternamente. Como a

38. Homem em sânscrito. Designa a divindade única que impregna o universo. De acordo com alguns estudiosos, os deuses são meras interpretações que o ser humano faz das múltiplas facetas do único Purusha.

39. Do tamanho do polegar.

torrente de chuva que ao cair no pico de uma montanha se divide em milhares de riachos que escorrem montanha abaixo, o Jivi, que vivencia a multiplicidade e a diferença, escorrega na multiplicidade e se perde. Esta Upanishad anuncia que não existe nada mais elevado do que o Atma e nem igual a Ele. As raízes de uma árvore são invisíveis, estão escondidas debaixo da terra, mas seus efeitos estão evidentes nas flores que são visíveis, não é mesmo? Assim também é com essa Samsaravriksha (árvore da vida). Dessa experiência, você deve inferir que a raiz, Brahman, é o sustento e o apoio, disse Yama.

A árvore de Samsara é como a mangueira do mágico, apenas uma ilusão. Aquele que purificou o seu Buddhi pode ver, nesta mesma vida, o Atma nele como em um delicado espelho. Brahman é Jneyam, aquilo conhecido pelo buscador do conhecimento; é Upaasyam, o que é obtido pelo buscador de realizações. O Jnani é libertado através de sua visualização de Brahman, mas o Upasaka alcança Brahmalo⁴⁰ após a morte. Lá ele se funde a Hiranyagarbha⁴¹ e, no final da kalpa (ciclo da humanidade), é liberto juntamente com o próprio Hiranyagarbha.

Nachikethas entendeu, sem nada perder, tudo que Yama disse-lhe nesse Brahma-vidya⁴² que ele lhe ensinou. Foi libertado pela Morte e alcançou Brahman. Portanto, este Brahma-vidya é relevante até para aqueles que tentam saber o que ele é pois, através dele, tornam sua personalidade melhor, livre das manchas do pecado.

Esta Upanishad ensinou os assuntos fundamentais de diversas maneiras: Pranavaswarupa, Sreyas e Brahmaidya. Minha intenção é en-

40. O mundo de Brahman

41. O deus Védico da criação; o ser primordial do hinduísmo. A semente primeva da qual Brahma nasceu.

42. Conhecimento de Brahman, conhecimento divino.

sinar a vocês a essência destes ensinamentos. É claro que um mantra é suficiente para aqueles que possuem inteligência aguçada e para os que estão ansiosos por escapar da ilusão. Para os estúpidos, os indivíduos estimulados pelos sentidos, imersos na busca secular pelos prazeres, os conselhos, ainda que abundantes, são um desperdício.

O Atma é como o oceano. Para ensinar a uma pessoa sobre ele, não é necessário pedir que ela o beba por inteiro. Uma simples gota colocada em sua língua dar-lhe-á o conhecimento necessário. Da mesma forma, se você deseja conhecer a Upanishad, não é preciso seguir todos os mantras. Aprenda e vivencie o significado de um mantra. Você poderá alcançar a Meta sem erro. Aprenda e pratique. Aprenda a praticar: Esse é o segredo do Ensino.

IV – MUNDAKOPANISHAD

Esta Upanishad começa com uma Invocação, orando para que os olhos possam ver coisas auspiciosas, que os ouvidos possam ouvir sons auspiciosos e que a vida possa ser vivida na contemplação do Senhor.

O ensinamento desta Upanishad é denominado Brahma Vidya, seja porque descreve primeiramente a mensagem de Hiranyagarbha, o Brahma causal, ou porque a mensagem relata a glória de Brahman. Esta Upanishad fala do Brahma Vidya como o mistério o qual somente aqueles que estão com as cabeças raspadas e que passaram pelo ritual do Fogo sobre as cabeças raspadas podem compreender. Por isso, a Upanishad é chamada Mundaka ou Cabeça Raspada. Além disto, esta Upanishad é venerada como o ápice de todas as Upanishads, pois apresenta a verdadeira essência do Brahma Jnana. Ela se encontra no quarto Veda, o Atharvana.

Esse conhecimento foi transmitido oralmente de professor para aluno, enriquecido e confirmado pela experiência. Esta Upanishad é também chamada de Paravidya, o conhecimento do Outro, quando trata do Princípio sem atributos. Quando trata do pleno de atributos, o Saguna, o princípio materializado, é chamado Aparavidya, o conhecimento do Imanente, não o aspecto Transcendente de Brahman. Esses dois são encontrados nesta Upanishad. Foram ensinados por Saunaka a Angirasa. Os Vedas e os Vedangas tratam do Aparavidya. As Upanishads ocupam-se especialmente do Paravidya. Contudo o aspecto interessante é que o Aparavidya conduz ao Para, o conhecimento de Brahman, que é a meta.

A aranha cria fora de si a magnífica manifestação da teia. Da mesma forma, este jagath (mundo instável, mutável) é manifestado a partir do causador Brahman. Jagat ou samsar é o produto do complexo criador-criação. Isto é verdadeiro, real e útil quando não se está desperto para a Realidade. O máximo que se pode ganhar pela atividade, quer dizer, atividades santas e sagradas, é o Céu ou Swarga, o qual possui um contrato de vida mais longo, mas que, apesar de tudo, tem um fim. Portanto, aquele que busca perde todo o anseio pelo Céu e se aproxima de um professor mais velho, pleno de compaixão, que o instruirá na disciplina da realização de Brahman.

Todos os seres são Brahman e nenhuma outra coisa mais. Todos eles emanam de Brahman. Como centelhas que emanam do fogo, como o cabelo que cresce da pele, mas é diferente dela, assim também todos os seres emanam de Brahman. Brahman é a causa do Sol, da Lua e das estrelas que giraram no espaço. Brahman garante a consequência de todos os atos dos seres. O Jivi e o Iswara, ou seja, o Individual e o Universal são dois pássaros pousados na mesma

árvore, isto é, o corpo humano. O Jivi age e sofre as conseqüências desses atos. Iswara permanece quieto, como uma testemunha do outro pássaro. Quando o Jivi vê Iswara e compreende que nada mais é que a Sua imagem, liberta-se da desgraça e da dor. Quando a mente é tomada pelo anseio de conhecer Iswara, todos os outros desejos inferiores diminuem e desaparecem. Então, o conhecimento do Atma é alcançado. O último mantra desta Upanishad declara que o seu propósito é fazer o homem atingir aquele Jnana (sabedoria).

Munda significa cabeça; podemos dizer que esta Upanishad é a Cabeça de todas as Upanishads. Até mesmo o aforismo de Brahma (Brahma suthra) dedica dois capítulos para explicar o significado interno dos mantras desta Upanishad.

Ela possui três seções, com dois capítulos em cada uma. Na primeira seção trata-se do Aparavidya e na segunda do Paravidya e dos meios para dominá-lo. Na terceira, é definida a natureza da Realidade e da libertação da escravidão. O Karma que ajuda a atingir Brahman está descrito nesses Mantras. É por isso que esta Upanishad é respeitada como muito sagrada.

Como já mencionado, a aranha tece a teia a partir de si mesma, sem qualquer agente externo e, também, entra na teia que teceu. Do mesmo modo, a Criação foi efetuada sem um agente externo e, assim, o Universo foi emanado. Esta Natureza ou Prakriti é apenas a transformação do Brahman básico, como o pote do barro, a roupa do algodão, as jóias do ouro. Por isso Brahman é chamado a causa Upadana (Base Material) de Prakriti. É também o Nimiththakarana (causa predeterminada) ou a causa Nimiththa (eficiente). Portanto, este somente Universo pode ser resultado de uma Inteligência Su-

prema, uma inteligência que é abrangente, um Sarvajna⁴³. O Céu é o estágio mais elevado atingível através do Karma. Desses Karmas ou rituais, a adoração ao Fogo, chamada Agnihotra, é o mais importante. A realização de tais rituais contribui para a limpeza da mente. Tal limpeza é uma necessidade preliminar para o Paravidya. As chamas altas que crepitam do altar sacrificial do fogo fazem parecer, para o realizador do ritual, que elas o estão chamando para realizar a Realidade ou Brahman. Aquele que realiza o ritual com plena consciência do significado do Mantra é capaz de alcançar o Esplendor Solar através das ofertas realizadas. Essas ofertas o levam à região de Indra, o Senhor dos Deuses.

Os Vedas recomendam dois tipos obrigatórios de Karmas: Ishta⁴⁴ e Poortha.⁴⁵ Os rituais como o Agnihotra, a adesão à Verdade, os Tapas ou ascetismo, o Veda-adhyayanam ou o estudo dos Vedas, o serviço oferecido aos hóspedes em sua casa – todos estes são Ishta. A construção de templos, hospedarias, casas de repouso, depósitos, plantio de árvores nas avenidas – tais atos são Poortha. Todas essas ações são benéficas, porém todas essas correntes de causa e efeito são transitórias, fundamentalmente incompletas.

Toda a Criação é limitada por nomes e formas e, portanto, toda ela é irreal. Pode ser descrita por palavras, sendo limitada e circunscrita pelo intelecto e pela mente. Somente o Paramapurusha, a Personalidade Suprema, é eterna, real e pura. Ele é o incitador das atividades e o distribuidor das conseqüências. Porém, está além dos olhos, além do intelecto. Como os raios da roda de uma bici-

43. Onisciente.

44. Em sânscrito: Bem-amado, querido, desejado.

45. Em sânscrito: Escassez, insuficiência, pobreza.

cleta que se irradiam do centro ligando todas as direções ao eixo, toda a Criação irradia Dele.

Para se alcançar o centro do eixo da roda e conhecer todos os raios que se irradiam dele, a mente é o instrumento. Brahman, o alvo, deve ser atingido pela flecha da mente. Mantendo a mente fixa no alvo e utilizando os ensinamentos das Upanishads como arco, atire firme em direção ao alvo para atingir Brahman, o Mestre. Isso quer dizer que o Pranava ou o OM é a flecha, Brahman é o alvo.

Brahman ilumina o Jivi por meio do Seu reflexo na consciência interna ou Anthahkarana. Deve-se apenas levar essa consciência para fora do mundo objetivo, cujo contato contamina a mente. Agora, treine a consciência interior para meditar no OM, com atenção concentrada. Medite no Atma como não afetado pelo Jivi, embora esteja nele, com ele e fazendo-o funcionar. Medite sobre Ele no seu coração, do qual se irradiam incontáveis nadis, nervos sutis, em todas as direções. Se este processo for seguido, atinge-se Jnana ou Sabedoria.

O Universo é um instrumento para revelar a majestade de Deus. O firmamento interno no coração do homem é igualmente uma revelação da Sua Glória. Ele é a Respiração de sua respiração. Visto que não possui uma forma específica, não pode ser indicado por palavras. Nem Seu mistério pode ser penetrado pelos outros sentidos. Ele está além do alcance do ascetismo, além dos limites dos rituais Védicos. Pode ser conhecido somente por um intelecto do qual tenha sido retirado todo o traço de apego e ódio, de egoísmo e do sentido de posse.

Somente Jnana pode garantir a auto-realização. A Meditação (Dhyana) pode conferir a concentração das faculdades do ser. Por meio dessa concentração, Jnana pode ser alcançada, mesmo en-

quanto estiver no corpo. Brahman ativa o corpo por meio dos cinco ares vitais ou Pranas. Concorda em revelar-Se nesse mesmo corpo assim que a consciência interna atinge a pureza necessária. Pois o Atma está imanente nos sentidos internos e externos como o calor no combustível e a manteiga no leite. A consciência é como um combustível adulterado, absorvida pela impureza dos desejos sensórios e dos desapontamentos. Quando o lago do coração fica limpo de sua camada lodosa, o Atma brilha em seu puro esplendor. Aquele que adquire o conhecimento deste Atma deve ser reverenciado, pois está liberto. Tornou-se Brahman, aquele pelo qual lutou para conhecer e ser.

V- MANDUKYOPANISHAD

Esta Upanishad é o âmago da Vedanta. É a mais profunda dentre todas as Upanishads. É também a mais importante de todas, possuindo a distinção de ser recomendada como, por si só, suficiente para conduzir o homem à salvação. É muito breve, consistindo numa dúzia de Mantras! Eles estão divididos em quatro seções: Agama, Vaithathya, Adwaita e Alathashanti. No Agamaprakarana é exposta a doutrina secreta do Pranava, que é a chave para a auto-realização. No segundo Prakarana discute-se e refuta-se a doutrina do Dualismo, o grande obstáculo para a libertação. No terceiro é apresentado o Adwaita ou a Unidade não-dual. O último Prakarana descreve certas doutrinas não-védicas mutuamente contraditórias e as rejeita.

Nenhum som está fora do alcance do OM; todos os sons são permutações e produtos do OM. Brahman também é OM, identificado por Ele e com Ele. O Brahman, que está além da Visão, manifesta-se para a visão como Atma.

As distinções de Viswa, Taijasa e Prajna, são apenas aparências impostas pelo Atma, o que quer dizer que o Atma continua o mesmo, inalterado pelos estados de vigília, sonho e sono profundo da existência humana. Este Atma, e o Atma ao qual a pessoa se refere como “Eu”, são o mesmo ser. O “Eu” ou o Atma nadam como um peixe no rio, sem prestar atenção nessa margem ou naquela, apesar das águas serem limitadas e guiadas por elas. No sono profundo todos os vasanas ou impulsos estão suspensos e, apesar de ainda persistirem, não estão manifestos ou ativos. No sonho, o homem segue os impulsos e se satisfaz com o processo. Todas as múltiplas influências e atrações do mundo dos sentidos, que empurram o homem em direção aos objetos à sua volta, nascem durante os estágios de vigília e de sonho. A mente está cheia de agitações e essas são os campos férteis onde os vasanas crescem, multiplicam-se e criam raízes. Na verdade, é a mente agitada que causa a Criação, que está por detrás de toda Srishti.

Existe, todavia, um quarto estágio distinto desses três: é chamado Thuriya! Esse estágio não pode ser descrito por palavras ou mesmo imaginado pela mente, pois está além do Intelecto (Buddhi) e da Mente (Manas). A experiência desse estágio é inadequadamente descrita como Paz (Shanti), Graça (Sivam), Unicidade (Adwaita). É tudo isso. É Paz. É Graça. É Unicidade. As agitações mentais são paralisadas e não existe mais mente. O estágio Amanaska é a conquista da mente, a sua negação. Que vitória ele significa! Pois no sono profundo a Mente está latente; no sonho, está inquieta e agitada; no estado desperto está ativa e motivada. Em todos esses três estágios a Verdade permanece desconhecida. O mundo objetivo nada mais é que uma ilusão da mente agitada, a sobreposição de uma cobra inexistente sobre uma corda. O mundo não nasce, nem morre. Ele nas-

ce quando você é ignorante; ele morre quando você se torna sábio.

O AUM do Omkara, representando os aspectos Viswa, Tajjasa e Prajna dos estágios de vigília, sonho e sono profundo da existência teem, cada um, um papel particular a desempenhar no Sadhana (Disciplina espiritual). A Upasana, onde o “A” é mais enfatizado, produz a realização de todos os desejos. Se a concentração for sobre o “U”, então o Jnana aumenta, e se o M for especialmente adorado na Upasana, a união final da Alma com o Supremo é realizada. Upasaka do AUM (Pranava) também ganharão conhecimento da Verdade do mundo e da Criação. Por isso, Upasaka do Pranava atrai para si mesmo a reverência a tudo.

O A, U e o M derivam um do outro no Pranava e, finalmente, unem-se num A-Mantra, uma ressonância sem letras que se dilui até o silêncio. Esse é o símbolo de Shanti, de Sivam e de Adwaita, a junção da alma individual com a Universal, após o desprendimento dos limites particulares dos nomes e das formas. Isto não é tudo. Os Karikas 24-29 desta Upanishad louvam o Pranava como a causa da Criação. ele é exaltado como a extinção de toda a dor. Por quê? Porque aquele que medita no OM, sempre consciente de seu significado, pode mover-se firmemente em direção a uma Percepção do Real por detrás de todas estas irreais Aparências, ao próprio Paramatmtattwa .

Na primeira seção, a unidade especial (Adwaitica) do Atma é estabelecida de uma forma geral. Na segunda, como foi dito, o posicionamento de duas entidades, Deus e o mundo, é apresentado como um erro, algo impermanente. Na seção chamada especificamente de Adwaita, a doutrina é estabelecida por meio de argumentos e afirmações. No principio, o mundo era latente e imanifesto. Brahma seria Ele próprio um efeito e, portanto, o reflexo no efeito não conduzirá

o homem até a fonte de todas as coisas. O Brahma revelado nesta Upanishad não é o Efeito, mas sim a Causa Primeira. Ele não é nascido, nem é limitado, não estando dividido em todos esses muitos.

O Atma é como o Akasa ou Éter e permeia tudo. Pode parecer contido em certos limites, como um pote ou um quarto e pode ser tido como individualizado. Mas esta limitação não é verdadeira. O corpo também é como o pote que, para todas as aparências, limita o céu que está refletido nele. Não existe nenhuma distinção básica entre o céu dentro do pote e o céu fora dele. Retire esse fator limitador e eles serão Um. Quando o corpo é destruído, o Jivi funde-se no Universal ou no Paramatma. É a limitação que parece qualificar o Atma de forma diferente do próprio Paramatma. O Jivi nunca deve ser considerado um membro ou um avayava, uma adaptação ou Mutação (Vikara) do Paramatma.

O nascimento e a morte do Jivi, como ser errante no espaço de um Mundo (Loka) para outro, é totalmente irreal. É aparência, não realidade. Mergulhe profundamente na questão e verá que Dwaita não é oposto ao Adwaita. A oposição está entre as diversas religiões Dwaitas e as diversas escolas de pensamento. Para um Adwaita, tudo é Parabrahman e, portanto, ele desconhece o antagonismo. Para o Dwaita, sempre existe a atmosfera de apego, orgulho e ódio, pois onde existem dois, existe sempre medo e apego e todas as conseqüentes paixões. Adwaita é a Mais Alta Verdade, Dwaita é certa atitude mental. Assim, o dualismo pode movê-lo somente enquanto a mente estiver ativa. No estado de sono ou em Meditação Profunda (Samadhi) não existe o conhecimento de "Dois". Quando prevalece Avidya, a diferença é excessiva. Quando Vidya é estabelecida, a Unidade é vivenciada. Então, não existe mais antagonismo ou dis-

cussão entre Dwaita ou Adwaita. A corda é a Causa de toda a ilusão e desilusão, Brahman é a Causa de toda esta Ilusão e Desilusão designada pela palavra Mundo ou Jagat.

Não é correto dizer que Paramatma nasce como Jagat, pois como pode ser mudada uma de suas qualidades essenciais, Svabhava (Essência natural, Realidade, Verdade)? A multiplicidade não é característica de Paramatmatatwa. Os Sruthis⁴⁶ declaram isto em vários contextos. Eles até condenam aqueles que O vêem como vários. A Testemunha de todas as fases da mente, até mesmo de sua aniquilação, jamais será conhecida pela Mente. Somente essa Testemunha é eterna, não afetada pelo Tempo e pelo Espaço. Essa Testemunha é Atmachaitanya, Sathyam (a Verdade). O resto é irreal.

Volte a sua mente para longe do mundo sensorio, pela prática do discernimento e do desapego. Então, você atingirá A-manobhava, a experiência da não-mente. Bem, você deve se lembrar de outra coisa: tentar o controle da mente, sem um claro entendimento da natureza do mundo dos sentidos é um esforço vão e inútil. O apego não terminará e as agitações não cessarão tão facilmente.

Eles brotarão rapidamente na primeira oportunidade. O que deve ser feito é passar a inatividade da mente durante o estágio do sono profundo para um estágio de inefetividade permanente. Quando a convicção de que todas as experiências dos sentidos são irreais ficar bem e completamente estabilizada, a mente não mais será um instrumento de perturbação. Ficar sem forças, como um membro morto. Por mais faminto que um homem possa estar, ele certamente não ansioso por excrementos, não é?

46. Escrituras Sagradas.

Saber que o Atma, que é a meta da realização, é isento de sono, nascimento, nome, forma e assim por diante, saber que Ele é eternamente auto-efulgente, Nithyaswayamprakasa, é transcender todos os Vikaras ou agitações da Mente. Tentar refrear a mente sem a ajuda do discernimento ou fazer saber ao homem a irrealidade dos objetos dos sentidos (Vishaya) sem o adequado preparo interno é como tentar esvaziar o oceano com uma folha de capim. É tolice e não produz resultado. Permaneça firmemente fixado na convicção de que o mundo é um mito e então poderá aspirar por Prasanthi e Abhaya, a Paz Suprema e o Destemor.

Como existe uma força motivadora por trás de todo nascimento ou produto, deve haver um propósito, seja a Existência Absoluta (Sat) ou Mundo Ilusório (A-sat), ou Sat-asat, não é? Qual é exatamente a transformação que ocorre? Segundo certa concepção, a Causa ou Karana sofre uma mudança ou vikara e transforma-se em objeto físico, matéria (karya). Todavia, Sat não possui vikara, por isso nenhum nascimento é possível a partir de Sat. Asathya é vazio e nada pode emanar dele. Sat e A-sat são inconcebíveis juntos. Portanto, logicamente, nada pode nascer ou ser produzido. Karana não pode tornar-se karya.

Quando você se lembra do fogo, não sente o calor. Apenas quando aproxima suas mãos dele é que o sente. Assim também todos os objetos são diferentes da Jnana - Sabedoria acerca deles. O Conhecimento é uma coisa, a experiência real é outra. Além do mais, a busca pela Causa Primeira é uma aventura sem fim, pois, mesmo na completa ausência da cobra, alguém pode vê-la na corda. É apenas uma invenção da imaginação. Nos sonhos, onde nada é concreto, passa-se por todos os prazeres e tristezas da multiplicidade. Nenhuma base ou explanação é necessária para

as maquinações e inferências da mente. As conclusões irresponsáveis acerca do mundo irreal atormentarão a mente enquanto a iluminação da Verdade for ausente. Abraçar a Ilusão é o fardo dos que são esmagados por Avidya e/ou Ajnana.

Esta Upanishad declarou, de forma inequívoca, que Sat nunca poderá ser a Causa para Karya, isto é, Asat. O mundo externo é criado pelo nosso próprio chitta (pensamento) como a fumaça emanando de uma vareta de incenso acesa. Tudo é aparência, Adhyasa (a sobreposição de uma coisa sobre a outra), Abhasa, algo tomado erroneamente como estando lá, mas realmente inexistente. A atmosfera de Ajnana é o campo fértil para o seu nascimento e multiplicação. O ciclo de nascimentos e mortes (Samsara), que possui a característica dual da evolução, de origem e destruição, é o fruto deste engano.

Uma vez que Paramatma é Sarvatmaswarupa (a encarnação de todos os atmas), não é possível que surja nele Causa-Efeito, Desejo-Satisfação ou Propósito-Produto. Para aquele que tem a visão do Atma, tudo é Atma. A semente infectada de maya germinará na árvore infectada de maya: ambas são falsas e efêmeras. Assim também o nascimento e a morte do Jivi são ambos falsos. São meras palavras, não significam nada. O que é visto nos sonhos não é distinto do sonhador. Pode parecer diferente e fora do sonhador, mas, na realidade, é parte do sonhador, surgindo da sua própria consciência. Aquele que é a testemunha não tem começo ou fim. Não está preso aos deveres e obrigações, ao certo ou errado. Saber disto, e ficar firme nesse conhecimento, é atingir a libertação dos grilhões. É o tremular de Chiththa que origina as coisas. Chittaspandana é a causa de Uthpaththi.

VI – BRIHADARANYAKOPANISHAD

O Brihadaranyakopanishad está anexado ao Sukla Yajur Veda. Possui seis seções, das quais todas, exceto a terceira e a quarta, descrevem Upasana ou Adoração associada ao Karma ou Ações Ritualísticas. A terceira e a quarta seções tratam dos ensinamentos de Yajnavalkya sobre as Verdades Espirituais transmitidas a Janaka⁴⁷. A grandeza da superioridade intelectual desse sábio é impressionantemente evidente nessa Upanishad. Para os aspirantes ansiosos por alcançar o objetivo final da Libertação, esta parte do Brihadaranya oferece a melhor orientação. Assim sendo, as seções são designadas Yajnavalkya Kanda (Caminho de Yajnavalkya). É a última das famosas dez Upanishads. Por causa do seu tamanho, é chamada Brihad ou Grande. Uma vez que é mais bem estudada no silêncio da floresta ou Aranya é um Aranyaka. Como instrui acerca de Brahma Janana, é classificada como uma Upanishad.

Os eruditos têm designado as primeiras duas seções desse Texto como Madhura-kanda, as duas seguintes como Muni-Kanda e as duas últimas como Khila-kanda. Khila significa apêndice, portanto o nome é apropriado. A primeira seção trata dos princípios básicos, como eles se apresentam. A segunda seção prova as suas verdades referindo-se às experiências recebidas. A terceira seção mostra como praticar essas verdades e alcançar o domínio sobre elas. A primeira

47. Rei do reino Mithila. é mencionado no Ramayana como pai de Sita, esposa de Rama. Janaka não era apenas um bravo rei, mas também era bem-versado nos Shastras e nos Vedas como qualquer rishi. Foi o amado pupilo de Yajnavalkya, cuja exposição de Brahma ao rei constituiu-se em um capítulo da Brihadaranyaka Upanishad. Na Bhagavad Gita, Sri Krishna cita Janaka como um ilustre exemplo do Karma Yoga.

seção ensina o Jnana, que é essencial para o progresso espiritual e está relacionado aos caminhos do Karma e Upasana. Essa seção não é apenas uma mera e árida disciplina puramente intelectual.

Para aqueles ansiosos em obter Jnana, existem quatro instrumentos ou meios para se adquirir essa sabedoria. São eles: Pada, Bija, Sankhya e Rekha. Pada significa os Vedas e os Smrithis que tentam explicá-los. Bija representa a gama inteira de mantras aprendida diretamente do Guru. O Sankhya é de dois tipos: Vaidika e Loukika. Vaidika-Sankhya significa os cálculos e as análises quantitativas dos vários mantras. Loukika-sankhya refere-se aos números e suas correlações no que diz respeito às suas relações com o mundo externo e as inter-relações das atividades humanas. O Rekha também possui duas dessas categorias: o Vaidika-Rekha que é a parte da atividade Upasana mencionada nos Vedas e o Loukika-Rekha, a parte da Matemática do Universo.

O Madhura-Kanda descreve Brahmatatwa, ou o Princípio de Brahma, à luz das categorias aceitas como detentoras de autoridade de acordo com as Escrituras. O Purusha é o Indivíduo Primevo, de quem e em quem todas estas multiplicidades de nomes e formas emanaram. Nós concebemos o Cavalão no Aswamedha (Ritual do Cavalão) como o próprio Prajapathi (Senhor da Criação). Ele é conduzido para impor ao cavalão as características e atributos de Prajapathi, de forma que possa obter os frutos desse ritual. Essa parte do ritual é conhecida como Aswa-Brahmana. Novamente o Fogo, que é a figura central no sacrifício, deve também ser sentido e consagrado como Prajapathi, e existem descrições que atribuem as qualidades de Prajapathi ao Fogo (Agni). Por isso este ritual é chamado Agni-brahmana.

Este Jagat⁴⁸, tomado como verdadeiro pelos iludidos, é apenas uma mistura de Nomes e Formas destituídas da permanência que

48. A mudança, o mundo em mutação.

somente o Atma pode ter. Assim , ele produz desgosto e descontentamento e causa a renúncia ao crescimento. A mente fica prontamente livre dos apegos aos objetos do prazer sensório e, através de sua tendência natural, move-se em direção ao próprio Brahman. Todos os sons são nomes: vak ou voz é a causa de seu surgimento . Rupa ou Forma é o resultado da visão ou do olhar. Emerge do olho. Similarmente, o Karma possui o corpo como sua fonte, sendo o corpo apenas um contexto para vak e outros instrumentos se manifestarem. A contemplação dessas verdades ajuda o processo do atma vichara (a investigação sobre a natureza do atma) a progredir.

O Prana ou Ar Vital; o Corpo (Sarira) que é a sua base, o Siras (cabeça), que é a sede dos instrumentos para aquisição do conhecimento; a força que é derivada do alimento – todos estes assuntos são considerados nesta Upanishad.

Assim como a doçura de mil flores está concentrada no mel, este Jagat é uma concatenação dos elementos. Dharma, Sathya e outros princípios abstratos, o homem e outros seres vivos concretos, o Virat-Purusha e suas concepções – novamente, todos são os efeitos do mesmo Brahmatatwa, isto é, um Tatwa (princípio) imortal e imutável. A compreensão de que o Tatwa que é inerente a todo indivíduo é chamada de Brahma-Jnana.

Janaka, o Rei de Videha, celebrou um Sacrifício doando imensas riquezas em presentes. Vários Brâmanes assistiram esse Yaga⁴⁹ no território de Kuru-Panchala. O rei possuía milhares de vacas decoradas com tornozeleiras, colares e adornos de chifre, todos de ouro. Ele anunciou que elas seriam doadas a qualquer um que lhe ensinasse o Brahman. Muitos Brâmanes, apesar de grandes eruditos em suas

49. O mesmo que yajna, sacrifício.

próprias linhas de pensamento, hesitaram em reivindicar as vacas com medo do fracasso. Mas Yajnavalkya estava tão confiante que pediu aos seus alunos para conduzir as vacas para o seu Ashram! Os outros Brâmanes ficaram enfurecidos com a sua audácia e começaram a testar a sua erudição e experiência.

O primeiro a se apresentar para desafiar Yajnavalkya foi o sacerdote da família de Janaka. A resposta que o sábio deu à sua pergunta esclareceu o método de alcançar o Atma encapsulado nos pranas através da associação de karma yoga com bhakthi yoga. No Yajna⁵⁰, a voz de Rithwik⁵¹ é Agni, Kala⁵² é Vayu,⁵³ a Mente do realizador é Chandra⁵⁴ – essa é a maneira pela qual se pode alcançar o significado do ritual e libertar-se, por si mesmo, das limitações da mortalidade.

O próximo a interpelar o sábio foi Buiyu. Suas perguntas foram: existe alguma Entidade chamada Purusha (Imanência do Divino no Homem) que é governada pelos sentidos e está enredada nesta corrente chamada Samsara? Ou não existe um Purusha deste tipo? Se existir tal Purusha, quais são as suas características?

Yajnavalkya respondeu: O seu Atma é a Entidade sobre a qual você perguntou. Assim como um instrumento de madeira não pode trabalhar por si mesmo, mas precisa ser movido por um poder externo ou uma força interna, ou como este braço somente pode ser

50. É um ritual de sacrifício realizado para agradar aos Devas ou, às vezes, à Brahman, o Espírito Supremo. Envolve oferendas ao divino Agni, o fogo sacrificial. Acredita-se que tudo o que é oferecido no divino Agni alcança os Devas.

51. Sacerdote.

52. O deus do tempo.

53. O deus do vento.

54. O deus da lua.

movido desse modo quando a vontade trabalha sobre ele, assim também, sem a presidência de um poder super-espiritual, o corpo não pode atuar, nem os ares vitais podem funcionar. Ele é aquele que vê através da função de olhar. É Ele quem escuta, não o ouvido. Esse Chethana ou Superconsciência que vê, ouve e sente não passa de um reflexo do Atma na mente. Esse Chethana vê até mesmo Aquele que vê. O que acontece é que o Chethana refletido na mente move-se para fora através dos sentidos e agarra o mundo externo dos cinco elementos e assim, parece que ele - o Chethana - está engajado na atividade. Na verdade, ele não tem atividade.

Esse Chethana é o Atma. Está além do alcance dos sentidos, acima e além dos Sariras (corpos) sutil e causal. Tem sido entendido pela experiência que o Atma é alcançado através da renúncia total. O apego a filhos, riquezas, esposas, etc. – tudo isso deve ser abandonado. Estes apegos originam-se do Kama, Desejo, porque todas as atividades, sejam comuns, rituais ou de veneração, são basicamente produtos de Kama. O desejo pelo fruto também está presente no Karma-sadhana. Não se pode negar isso. Portanto, essas ações estão em oposição à verdadeira renúncia (Sanyas).

A luz e a sombra não podem estar juntas no mesmo tempo e lugar. Assim também a Atividade-Karma e Atma-Jnana (sabedoria do Atma) não podem estar juntas. Sanyas é Sarvakriya-parithyaga (renúncia a todas as atividades). Mendigar comida é Karma e portanto, contra Sanyas. Os Brâmanes da antiguidade sabiam disso. Eles se libertaram do apego e, através do caminho do Nivritti ou fusão, alcançaram a Realização (ou Iluminação). Somente é um Brâmane aquele que se desligou de todas as coisas não concernentes ao propósito Átmico. Todas as demais credenciais são secundárias.

Nesta Upanishad é descrito o Sarvantharyamithwa do Atma (o Princípio Atmico que habita em todos os seres). Toda esta terra torna-se habitável pela associação com a água pois, em caso contrário ela seria pulverizada como um monte de farinha de arroz. Gargi perguntou a Yajnavalkya sobre em que se baseia a Terra. Esta pergunta e a resposta apresentada nos informaram que essa Terra, Água, Akasa, Surya, Chandra, Nakshatra, Deva, Indra, Prajapathi, Brahma-loka – tudo isso, foi tecido, um após o outro, a partir do Paramathmathwa, que é a urdidura e a trama, a vestimenta da Criação. Tais verdades estão além do alcance da imaginação do homem. Elas devem ser assimiladas dos Sastras, através de um intelecto esclarecido.

Yajnavalkya refutou os argumentos de Gargi, pois suas questões não poderiam ser resolvidas por meio de meras façanhas intelectuais, mas somente pela intuição obtida da orientação de um Guru. A Terra é permeada e protegida por Vayu, ou ar. O Universal individualizado, de acordo com as impressões das experiências em vidas anteriores, é associado aos cinco Karmendriyas (órgãos pelos quais agimos no mundo: mãos, pés genitália, ânus e boca), aos cinco Jnanendriyas (os cinco órgãos dos sentidos), aos cinco Pranas (ares que sustentam o corpo), Manas (mente) e Buddhi (intelecto) – são dezessete instrumentos ao todo. O corpo concreto é um Vikara ou uma mutação da Terra e está permeado por Vayu ou “ar”. Existem quarenta e nove “partículas de terra” ou angas que podem ser identificadas no corpo e, como um cordão que mantém as pérolas juntas, o “ar” mantém essas “partículas” unidas como um todo coordenado. Quando o “ar” deixa o corpo definitivamente, os angas ficam dissociados e dispersos. O corpo, então, torna-se um “cadáver”. Existe porém um Antharyami, um espírito imanente no domicílio do com-

plexo corporal, o mistério que está além do alcance desse complexo, a força motivadora dos impulsos e intenções desse complexo; esse Antharyami não morre; é o Atma.

Gargi colocou sua segunda pergunta, após a devida permissão da assembléia, pois não é cortês proferir questões sem tal aviso a todos os participantes. Sua pergunta foi: onde se apóia a Essência Interior – o Atma – no Passado, no Presente e no Futuro, neste Mundo Dual? A intenção de Gargi era causar embaraço a Yajnavalkya, pois ele seria forçado a admitir que “a Entidade atemporal está além das palavras e de nenhuma forma pode ser descrita”. Isto ainda mostrou que Gargi também era versada em Brahmajnana e, portanto, pode-se inferir que no campo de Brahavidya não há lugar para distinções baseadas no sexo.

“Os Brahmaids ou mestres da sabedoria bramânica declaram que Parabrahma é imanente no Akasa (espaço, éter) imanifesto” disse Yajnavalkya, escapando assim da situação constrangedora em que Gargi queria colocá-lo. E descreveu a natureza do Indestrutível Akshara (Imperecível) dessa forma: não possui espessura, não sofre qualquer mudança sutil ou similar; não possui qualificações materiais como cor, cheiro, forma, etc. Não há medidas para compreendê-Lo. O Tempo é apenas a execução da Sua Vontade. Por que desenvolver mais raciocínio a respeito? O Sol e todos os cinco elementos cumprem a Sua Vontade. Gargi, então, pediu aos Brâmanes ali reunidos em assembléia para se curvarem diante de Yajnavalkya e reconhecerem sua supremacia. Isso evitou quaisquer questionamentos posteriores.

O Atma é Efulgente, assim como o Sol, por sua verdadeira natureza. As pessoas dizem que “vêem” o Atma ou Seu esplendor. Mas não existe “vê-Lo”. Uma vez que não há um segundo ser, nada

pode estar fora d'Ele. Ele não é nem visto, nem pode ver. Não possui órgãos de visão ou olfato nem quaisquer partes as quais, quando coordenadas, possam realizar qualquer função.

Da menor alegria à mais elevada Brahmananda (Bem-aventurança de Brahma), cada degrau é um acréscimo de sensibilidade. Palavras como Paramananda (elevada felicidade) indicam apenas estágios de Ananda (Bem-aventurança). Em verdade, todos os tipos de Ananda derivam da fonte primária básica de Bramananda. Yajnavalkya explicou tudo isto a Janaka, pois obteve grande deleite ao instruir o Rei com tudo o que conhecia.

Como uma árvore germinando de uma minúscula semente, o corpo cresce, e a semente na fruta torna-se uma outra árvore. Quando o corpo, como uma fruta madura, cai no chão, o Vak (palavra, boca) e outros Indriyas (órgãos sensoriais) também seguem o mesmo destino. A respiração também segue seu próprio caminho. Somente o Atma não é afetado, seja de um modo ou de outro. Ele se mantém como sempre: impassível, imóvel.

Através de ações pecaminosas, colhe-se o pecado, através das meritórias, o mérito, assim as más ações (papa) e as boas ações (punya) se acumulam. Elas produzem os impulsos para um novo corpo, como a força motriz primária do Sarira (corpo perecível). O Atma deixa o antigo corpo com sua visão dirigida para o novo corpo a ocupar, como o gafanhoto que fixa suas patas dianteiras num lugar enquanto levanta suas patas traseiras da posição anterior. O Atmajnani, todavia, não possui impulsos para as atividades do corpo e o Atma, no seu caso, não é incomodado de forma alguma por um novo corpo. O Jnanamarga (caminho da sabedoria espiritual) é o caminho para o Brahmaid, o conhecedor de Brahma.

Os entusiastas do Karma são levados a Thapas (penitências), o Atmajnani escapou do Kama ou desejo e, portanto, sua mente desconhece a angústia, a agonia ou o anseio, que é a marca do Thapas. Ele é Viswakartha – o verdadeiro artista que seguiu a Viswa ou Criação. Aquele que atingiu a visão de Brahmanidade nada mais tem a alcançar ou realizar, a guardar ou procurar.

A instrução que Yajnavalkya fornece nesta Upanishad a Maithreyi, sua consorte, revela-nos claramente o Atmajnana que é recebido após o estudo dos Sastras, tendo Tarka (Lógica)⁵⁵ como companhia constante. A instrução também descreve os princípios da renúncia (Sanyas), que é o instrumento para obter esse Jnana. O mundo sensorio inteiro e também os sentidos têm de ser equiparados apenas com a realidade de um sonho. Não existe utilidade em persegui-los considerando-os como definitivos e de valor.

Somente o Atma deve ser amado. Todas as outras coisas são amadas através do amor a Atma. Quando o Atma é entendido, tudo o mais é entendido. Todos os efeitos estão subordinadas à Causa. O oceano é o objetivo de todas as águas; assim também, todos os gostos encontram seu objetivo na língua; todas as formas realizam-se nos olhos; todos os sons são para os ouvidos; todas as resoluções têm a mente como seu objetivo. Isso quer dizer que o Jagath inteiro funde-se em Brahman.

Em sua resposta a Bhujyu, Yajnavalkya revela o seu conhecimento do processo de evolução do Universo, o Brahmanda-nirmana. Em sua resposta às duas questões de Gargi, revela e instrui acerca da forma divina (Swarupa) de Brahman que é perceptível (Aparoksha). No

55. N.R. = no original está escrito : Sastras, tendo a Tarka (Lógica) como companhia constante.

Sakalyabrahmana, o sábio pasmou a todos com sua erudição sobre os mistérios espirituais. Obteve a vitória no Saguão de Janaka como o mais sábio da terra. Santificou o lugar com seus ensinamentos. Enfrentou os duros testes do desonesto Bhujyu e testes mais duros da ávida inquiridora, Gargi, com igual equanimidade e destreza. Foi aclamado como a jóia da coroa dos eruditos. Claro, ele mesmo reconhecia a grandeza onde quer que a encontrasse. Era generoso o suficiente para reconhecer a grandeza daqueles que tinham sido os instrutores de Janaka até aquele momento. Finalmente, sentiu que nada mais tinha a ensinar ou a ganhar e então tornou-se um monge. Entendendo que Maitreyi, sua consorte, estava também desejosa de atingir a Realização, instruiu-a em Brahma-Jnana, uma vez que, naqueles dias, as mulheres eram consideradas igualmente aptas para praticar o Jnamarga (caminho da sabedoria), que conduz à Libertação.

Contemple isso e atinja o estágio Thuriya (estágio além do samadhi, Super Consciência) de consciência. Então, o nome (nama), a forma (rupa), o objeto (vasthu) e o sentimento (bhava), todos se fundirão no Todo-penetrante e Todo-inclusivo Atma.

Essa Upanishad ensina a filosofia essencial nos seus termos mais sintéticos. Ela não se refere, de modo algum ao Karma e outros assuntos similares. Ocupa-se puramente da Ciência do Atmatatwa.

VII - PRASNOPANISHAD

Prasnopanishad é um anexo do Atharvana Veda. É assim chamado por estar em forma de perguntas (Prasna) e respostas. Desse modo discute-se com mais detalhes alguns tópicos tratados com brevidade na Mundakopanishad. Esta Upanishad tornou-se um comentário da Mundakopanishad.

Por exemplo, a Mundaka diz que Vidya é de dois tipos: Para e Aparā; e que Aparā Vidya é de dois tipos: Karma e Upasana. Desses, a segunda e terceira Prasnas nesta Upanishad tratam de Upasana. Uma vez que a disciplina do Karma é coberta na íntegra no Karma kanda (caminho da ação), ela não é desenvolvida aqui. Quando tanto, o Karma como o Upasana são praticados, independentemente dos seus frutos, eles promovem a renúncia e o desapego. Esta é a conclusão a que se chega na primeira Prasna. Desse modo, se o Prasnopanishad for estudado após o Mundaka, o assunto torna-se mais claro.

Das duas entidades, Parabrahma (Deus, Super-alma Universal) e A-parabrahma (o eu inferior não relacionado com a Super-alma), o A-parabrahma é incapaz de conferir as Purusha-arthas (metas da vida), que são de valor permanente. Ao compreender isto e ávidos para atingir o Eterno Parabrahma, os aspirantes aproximam-se do Professor competente, chamado Pippalada. A palavra Anveshamaana (busca), é utilizada aqui para significar a atitude dos discípulos e mostra que aqueles ligados ao A-parabrahma falham em identificar o Atma como sua própria verdade básica. É por esta razão que eles ainda o “procuram” em algum lugar fora da verdade do seu ser! O eterno princípio único de Parabrahma pode ser conhecido somente por meio da disciplina dos Sastras, conduzidos pessoalmente por um Guru ou Mestre.

Aqueles que buscam têm de se aproximar do Guru como um “Samith-pani”, quer dizer não simplesmente “segurando o combustível ritualístico, o fogo do sacrifício”. Também implica na apresentação de oferendas desejáveis e dignas. Aqueles que buscam encontram com Pippalada e ele lhes diz: “O raro e precioso ensinamento, relacionado com o mistério fundamental do Universo e do Eu, conhecido como Brahmavidya, não pode ser comunicado a um não-iniciado.

Os estudantes devem ser primeiro submetidos a observações e testados durante um ano”.

Quando o ano terminou , Kathyayana perguntou a Pippalada: “Por que razão os seres nascem?” Esta foi a resposta do Guru: “Aqueles que desejam descendência são Prajakamas, seu desejo é basicamente tornarem-se progênies para se perpetuarem. O Hiranyagarbha , que não é separado de Para-Brahma, é o Prajapathi. Hiranyagarbha, como Prajapathi, deseja a descendência. Ele possui traços de A-Paaravidya das origens passadas vinculadas a Ele, que induzem Nele o desejo de procriar”. Esta é a resposta do Guru.

Surya ou o Sol, com Seus Raios, ilumina todos os seres das dez regiões. Surya é o verdadeiro Eu de Prajapathi e, portanto, todos os seres – assim como as regiões iluminadas – tornam-se o verdadeiro “ser” de Prajapathi. A palavra “Prana”, portanto, refere-se ao próprio Adithya (o Sol), pois Adithya fornece o Prana (a Essência Vital). Uma vez que todos os seres são capazes de viver por meio do consumo do alimento etc., o Sol é também conhecido como Viswanara (Ser humano Universal). Todo o Universo é da Sua Natureza e portanto Ele é também conhecido como Viswarupa (Forma do Universo). O Samvathsara ou o ano é um indicador do Tempo de acordo com a posição do Sol. O Tempo é apenas uma série de dias e noites, e estes são fases causadas pelo Sol. A rotação da Lua causa Thithis ou estágios de plenitude. As Forças gêmeas, o Sol e a Lua, são os produtos de Prajapathi e, portanto, o Tempo, que é delimitado pelos trópicos, estações, meses, etc. é também da mesma essência. Prajapathi possui também os ciclos do Sul e do Norte.

A contemplação e adoração de Prajapathi neste aspecto universal é considerada como a própria Jnana. Aquele dotado desta Jnana e

que adquiriu domínio sobre os sentidos, bem como a fé nos Vedas, pode facilmente se convencer de que é o verdadeiro Atma. Perseguindo o Uttara-marga, ou o Caminho do Norte, ele alcança o estágio espiritual conhecido como Suryaloka (Reino do Sol Divino). Esse Loka (Reino) é o refúgio de todos os seres vivos. Apenas aqueles que engajam-se em suas tarefas diárias com veneração, sem qualquer desejo pelos frutos nelas contidos, podem entrar nesse Loka.

As estações como Vasantha ou Primavera são os Pés do Sol, o símbolo do Tempo; os doze meses são Suas Características Pessoais; Ele é a Causa dos mundos – estas são verdades expressas no quarto e sexto mantras. As chuvas são também causadas pelo Sol. Assim, Ele é também o mestre de outro Loka, o terceiro, o Dyu-loka.

Akasa (Éter), Vayu (Vento), Agni (Fogo), Jala (Água), Bhumi (Terra) – os elementos que compõem o corpo – possuem suas deidades presidentes. Os sentidos ativadores, como a fala, e os sentidos do “conhecimento”, como os olhos, também têm suas deidades, que residem neles e promovem suas funções. A mente e o intelecto também possuem suas deidades. São os pilares que apóiam o Ser e evitam que a estrutura do corpo se despedace.

O corpo é um complexo produzido pela combinação dos cinco elementos. Os Jnanendriyas (cinco órgãos dos sentidos) são as conseqüências desta combinação. Portanto, o corpo é um pacote de conseqüências e causas. Assim como os aros da roda de uma bicicleta, eles são presos no cubo de roda do Prana. Assim também, os Riks (versos sagrados do Rigveda), os Mantras Ayurvédicos, os Mantras Samavédicos, os Yajnas onde foram realizados, o Kshathra (guerreiro) que protege o povo do perigo, a Força Bramânica que consagra os Yajnas, todas essas coisas são da natureza do Prana. Quando

Prajapathi tornou-se a Nuvem e derramou a chuva, todos os seres se regozijaram e foram capazes de viver. “Todas as coisas que contribuem para a felicidade estão ligadas ao Senhor; acariciam-nos, pois, como a Mãe. O Senhor causa toda a riqueza e bem-estar ligados à proteção física e espiritual. Dá-nos essa riqueza e essa sabedoria”. Esta é a prece dirigida a Prajapathi. Os Rig, os Mantras Ayurvédicos e Samavédicos são as riquezas Bramânicas. A opulência é a riqueza Kshatriya. Assim a Upanishad desenvolve sobre o Prana Prajapathi, suas Funções e Atributos.

Depois disso, Pippalada dedicou-se à questão de Bhargava e, mais tarde, Kosalya, o Aswalayana, perguntou-lhe sobre o Prana. Então, Pippalada diz: “Meu querido menino, como a sombra criada por uma pessoa, o Prana é criado pelo Atma. O Prana dedica-se ao Atma através da Sankalpa (Vontade Divina) de Manas (mente. Como o soberano que se prepara para o governo de suas possessões, o Prana Chefe dá ordens aos diferentes Pranas, designando funções e áreas de atuação para cada um deles. O Prana Mukhya, ou Chefe, possui Adithya (o Senhor Sol) e outros Deuses como suas Forças Impulsoras. Como as centelhas saltando das chamas de um fogo flamejante, os seres emanam do Imperecível Paramatma. Eles se perdem no Fogo de si mesmos.” Isto é mencionado no Mundaka II – 1 – 1.

Então, Pippalada respondeu a Gargi assim: “Os raios do pôr-do-Sol se fundem no próprio Sol. Quando este surge no dia seguinte, eles emanam do Sol e se espalham novamente. Da mesma maneira, durante o sonho, o mundo sensório se funde na Mente consciência-refletora e quando se acorda do sono as impressões sensórias emanam como anteriormente e mudam para suas formas nativas. Esse é o motivo pelo qual o Eu ou Purusha não escuta, não vê, não toca ou goza. Ele não anda nem fala”.

O Atma, que é o Puro Esplendor, durante o estágio do sono vê, ouve e experimenta como Vasanas (impressões que ficam no subconsciente, tudo o que vê, ouve e experimenta no estado de vigília. assim). Quando se faz a declaração de que “o Atma é a base de tudo” cria-se a impressão de que tudo é diferente dEle. Mas a aparente distinção implícita nesta afirmação entre a “Base de Tudo” e os “Jivas” que repousam sobre Ele é mera ilusão causada pelas circunstâncias. É mental e não fundamental. Pippalada também disse que qualquer que seja o Loka sugerido pela Divindade cultuada através do Pranava, esse Loka será alcançado.

Em seguida, Sukesha, o filho de Bharadwaja, fez uma pergunta ao mestre e sua resposta foi : “O Purusha sobre o qual você perguntou está neste próprio corpo como morador do Céu Interno, o Coração. É pelo fato de Ele estar aí, nesse lugar, que você brilha à vista de todos, com total esplendor da realização e personalidade. Estas emanam Dele e fundem-se Nele. Como marcos de milhas na estrada, progressivamente crescentes e interdependentes, a Terra, Durga, o Alimento e Purusha – todos os quatro princípios originam-se um do outro (de acordo com a segunda seção do Thaithiriya). A origem pode não ser evidente aos olhos mas, uma vez que as origens do Jnanendiyas e Karmendriyas já foram descritas, a origem do Purusha fica praticamente revelada. Todos os rios se fundem no oceano e lá perdem seus Nomes e Formas. Os rios passam então a serem chamados de “ mar”. Assim também resta somente o Purusha. Ele é sem realização, características ou mudanças. É imperecível, sem fim. Isso é tudo o que eu sei sobre Brahman e isso é tudo o que existe para saber”, disse Pippalada a Kadandhi e aos outros discípulos.

Esta Upanishad termina com uma respeitosa homenagem oferecida pelos discípulos ao mestre. O pai dá apenas o corpo. Pippalada

deu-lhes o Brahma-sarira por meio do ensinamento do Atmathathwa. Os seis discípulos: Kadandhi, Vaidarbhi, Kosalya, Souryayani, Sathyakama e Sukesha finalmente fizeram, ao todo, seis perguntas. Estas questões e suas respostas apresentam as implicações do Mundaka e servem como um ótimo comentário sobre esse texto sucinto.

As seis perguntas são :

O que é exatamente Para e Apra?

Quem protege e guarda os seres criados?

Como Hiranyagarbha emerge do Paramatma?

Como acontece a Criação a partir do Paramatma?

Como o princípio pleno de Chaithanya, o Prana, entra no corpo e se divide nos cinco canais?

Quais são os sentidos que operam nos três estágios – vigília, sonho e sono?

Estas foram as linhas de pesquisa seguidas nesta Upanishad.

VIII - KENOPANISHAD

O Kenopanishad é atribuído ao Sama Veda na seção Thalavakara, sendo portanto também conhecido como Thalavakarapanishad. O nome Kena é derivado das primeiras palavras das estrofes da primeira seção desta Upanishad : “Keneshitham pathathi preshitham manah, Kena pranah prathamah Praithiyuktah, keneshitham vacham imam vadanthi, chakshuhsrothram kaudevo yunakthi?” - “Quem impele a mente a pousar sobre seu objeto? Quem usufrui do funcionamento da força vital? Quem faz o homem falar? Qual Inteligência dirige, de fato, os olhos e os ouvidos?”

O ouvido, a pele, os olhos, a língua e o nariz – estes cinco órgãos dos sentidos são capazes de reconhecer, respectivamente, o som, o tato, a forma, o gosto e o cheiro. Os objetos do conhecimento são reconhecidos apenas por meio destes cinco sentidos. O mundo é experimentado apenas por meio destes instrumentos, que permanecem como intermediários entre o conhecedor e o conhecido. A capacidade interna de entender os objetos é chamada mente, ou Manas. Manas move-se para fora através dos Jnanendriyas (órgãos da percepção) supracitados e liga-se aos objetos, e, nesse momento, por causa desse mesmo evento, Manas assume a forma desse objeto. Isto é chamado de Vritti ou função. Manas é Achethana (sem Superconsciência) e, portanto, suas transformações e manipulações, ou Vikaaras, são também Achethanas, não-inteligentes, não-vitais. Uma boneca de madeira possui apenas a propriedade da madeira, uma boneca de açúcar tem apenas a propriedade do açúcar. Manas Achethana não pode alcançar o conhecimento do Chethana ou da Inteligência Suprema que permeia o Universo.

Assim como uma carruagem sem inteligência é conduzida por um cocheiro, deve existir um Cocheiro que conduza o Manas sem inteligência, sentando-se nele e possuindo-o como Seu veículo. A Força Motriz que ativa os Instrumentos Internos, os Sentidos da Ação, os Sentidos do Conhecimento e os Cinco Pranas é Deus. A questão citada acima implica que esta Força é distinta dos Sentidos. Naturalmente, por causa disso, o Motivador do grupo inteiro dos sentidos deve ser distinto também do Manas, não é mesmo?. Aqueles que procuram conhecer o Eterno, convencidos de que todos os atos e atividades são efêmeros, não se preocupam com o Eterno.

Essa Entidade Eterna é sem agitação e, portanto, não é movida pelos Tríplices impulsos. Ela não ordena os sentidos para este ou aquele

propósito. Então surge uma pergunta: “O Manas, o Prana, o Vak (palavra), o Olho, o Ouvido, etc. realizam suas respectivas funções impulsionados pela Lei de Causa e Efeito? Ou agem desta forma movidos pelo desejo de uma força consciente?” Essa é a dúvida.

O ouvido possui a capacidade de conhecer o som, o olho é dotado da habilidade de conhecer e distinguir as formas. Os outros sentidos são também equipados de forma similar. Quando Manas passa através dos sentidos do conhecimento em direção aos objetos e os envolve, adquire-se os conhecimentos sobre esses objetos. Os cinco sentidos e o manas são todos, portanto, instrumentos do conhecimento. Como eles conseguiriam realizar essa função inteligente sendo eles próprios desprovidos de inteligência?

Bem, a resposta é: É devido à presença do Atma, devido ao reflexo do esplendor do Atma sobre Anthahkarana (a consciência interna) O Sol ilumina o mundo e o mantém em atividade por milhares de maneiras diferentes. Assim também o Atma, por meio das suas Thejas (forças espirituais), ativa e ilumina o Mundo. Todos os instrumentos do conhecimento são ativados pelo Atma. A corrente elétrica energiza as máquinas e realiza várias operações – faz a impressão, etc., mas não é visível ou concreta. A corrente elétrica é o Motivador do movimento, a Máquina da máquina. Assim também os Thejas Átmicos (esplendores) são o Ouvido do ouvido, o Olho do olho. Essa é a corrente ativadora.

Eis a maravilha : o Atma é inativo e sem qualificações. Lembre-se, Ele não recebe nada do que foi feito com manas ou os sentidos. Estes ficam ativados pela pura presença do Atma! Os raios do Sol não estão cientes de todas as atividades que invocam, o Atma não é responsável pela atividade dos sentidos (este ensinamento foi dado por Varuna ao seu filho Bhriгу).

O olho, quando iluminado pelo Esplendor do Atma, é capaz de apreender a Forma, que é sua esfera de atuação. O olho não pode ter esperanças de iluminar o Atma, que é Auto-luminoso. A lâmpada ilumina os objetos, mas os objetos não podem, por sua vez, iluminar a lâmpada. O Vak (palavra) pode somente descrever e designar aquilo que possua qualificações, como por exemplo nome, forma, guna (atributo)), Kriya (ação, fato), etc. Como pode Vak descrever ou definir aquilo que não possui qualificações, nem nome, nem forma, nem características, como é o caso do Paramatma? Você não pode descrever a doçura ou gostos similares por meio das palavras. O Atma não é um assunto para descrições. O Manas sem inteligência não pode descrever a Inteligência. Não existe conhecedor que possa absolutamente conhecer o Conhecedor. Ele está além de todas as coisas conhecíveis. Caso se torne conhecido (por alguém) não mais será nem o Conhecedor nem o Conhecimento.

Brahman é a próprio Jnana (Sabedoria): assim, ele não pode ser “conhecido” por um “conhecedor”. Por meio dos processos de conhecimento podem ser reveladas outras coisas, mas não o próprio Conhecimento. A lâmpada não implorará por uma outra lâmpada para ver a si mesma, nem ansiará por sua própria luz. Ela possui luz, ela é luz – isso é tudo. Ela derrama luz sobre outros objetos, mas não jorra luz sobre sua própria luz. Assim também você é Luz, você é o Atma. O Atma em você é da mesma natureza do Atma em todos os seres. Ele é a única Realidade, não possui limitação, atributo ou qualificação.

O Atma pode ser conhecido pelo estudo dos Sastras e pelo acompanhamento das injunções lá apresentadas. Aquilo que não pode ser iluminado pelas palavras ou discursos, ou pelos sentidos, aquilo que ilumina as palavras e os discursos, e todos os sentidos – isso é

Brahman, ou Atma. O primeiro Khanda deste Upanishad torna claro que Brahman é incapaz de ser limitado, rejeitado ou sondado .

Assim, para aqueles que proclamam que viram Brahman, “Ele” ainda é um assunto a ser submetido a investigações e inquirições adicionais. Os que proclamam isso ainda não atingiram o estágio final, pois a visão que tiveram não é Jnana autêntica, mas apenas uma ilusão. O Atma de uma pessoa que conhece é, ele próprio, o verdadeiro Brahman. Esse é o indubitável veredicto da Vedanta, não é mesmo?. Se o Fogo não pode queimar a si mesmo, como pode o Atma conhecer o Atma, como pode o conhecedor conhecer a si mesmo? Assim, a afirmativa: eu conheci Brahman é uma indicação de ilusão, não um conhecimento real.

É dito que Brahman tem várias formas conhecíveis e enumeráveis, mas isso é apenas o sentido limitado de Brahman ser qualificado por Nomes e Formas. Por Si mesmo, o Absoluto não possui som, cheiro, gosto, tato ou forma. Ele é eterno, sem começo nem fim. Em toda atividade em que você fique ciente de Sua presença, essa atividade adquire característica apropriada dEle. Em qualquer esfera em que os Sastras sejam discutidos ou concluídos, ela torna-se característica de Brahman. A Consciência que torna-se aparente quando está limitada por certos limites ou invólucros, tal Chaithanya é Brahman. Chaithanya é sem apego ou vinculação, mas, ainda assim, quando associada a objetos como o corpo físico, dá a impressão de que está vinculada. O fato de que quando as águas do lago são agitadas a imagem do Sol sobre a água também fica trêmula não pode levar à conclusão de que o Sol no Céu , remoto e distante, também tremule! O Sol e a superfície da água não estão relacionados. Nenhum relacionamento pode ser postulado entre esses dois elementos. Similarmen- te, quando o corpo sofre o crescimento, declínio, destruição, etc., dá

a impressão de que o Atma também sofre igualmente, mas Este não é afetado. Brahman está além do alcance do pesquisador intelectual: Ele pode ser alcançado somente por aqueles que desistiram do intelecto considerando-o um instrumento inútil. Somente a Experiência é o método de abordagem, a prova e o resultado. O último estágio de Brahma-Jnana é o término de todas as indagações, de todas as buscas. A verdadeira Realização (Iluminação), Sakshatkara (a Visão do Senhor) é o gozo disso. Esse estágio mais elevado é alcançado na meditação profunda (Samadhi), pela aquietação de todas as agitações em todos os níveis de consciência, embora, evidentemente, os degraus preliminares de Sravana, Manana e Nididhyasana sejam concernentes ao Buddhi ou Intelecto. Uma pessoa adquirirá a Forma da Verdade (Sathyaswarupa) se compreender a natureza do Atma. Se não compreender será, sem dúvida, uma grande perda. O Jnani (sábio) é aquele que reconhece em todos os seres e em todos os objetos o Princípio do Atma que a tudo permeia e quando ele deixa o mundo, torna-se livre dos nascimentos e mortes.

Brahmajnana (a sabedoria do absoluto) é a herança do homem, isso lhe foi outorgado. Se ele estiver ciente disto e por meio dos seus esforços, adotando os métodos supracitados, alcançar Jnana de Brahman (Sabedoria de Brahman), então, verdadeiramente, o transcurso da sua vida no mundo foi proveitoso. De outra maneira tudo é um desperdício. O Atma, quando conhecido na Consciência, reluz como um raio; em um segundo revela todo o seu brilho e esplendor. É impossível alcançar sua plena majestade. Manas (a mente) é o manto do Atma, ela condiciona o Atma, ou melhor dizendo, parece acondicionar o Atma. Assim, ela parece estar bem próxima do Atma e faz você acreditar que O alcançará., mas é incapaz de fazê-lo. Uma

vez que Manas está mais próxima do Atma, o Aspirante Espiritual (Sadhaka) freqüentemente imagina que sua mente realizou o Atma e anseia mais e mais por essa experiência. Isto, evidentemente, é muito bom, pois encoraja na busca da união com Brahman.

Para o Brahmajnani, opostos como Dharma e Adharma, Mérito e Demérito não existem. A vida dhármica oferece os Reinos (Lokas) Superiores e a vida Adhármica leva aos Lokas Inferiores. Mas ambos são grilhões para o aspirante - Sadhaka, cujos olhos estão na remoção da ignorância e na realização da Verdade. O Aspirante deve buscar cortar as correntes que prendem o coração ao mundo objetivo. Assim, ele quer a resposta para a pergunta que inicia esta Upanishad: “Por qual meio a mente alcança as coisas, etc.?”. Para atingir a Jnana de Brahman, as Austeridades (Tapas), o Autocontrole, os Ritos Védicos e a Adoração de Imagens ajudam bastante. Jnana possui a Verdade (Sathya) como sua localidade.

Esta Upanishad dá a todos os buscadores o Ensino (Upadesa) de Brahmajnana: ela trata do Ser Supremo (Brahman), que é Verdade (Sathya), Sabedoria (Jnana) e Infinito (Anantha).

IX - CHANDOGYA UPANISHAD

Esta Upanishad está incorporada ao Samaveda. Possui oito seções. As cinco primeiras tratam dos vários cultos (Upasanas) ou formas de acesso ao Ideal e as três últimas explicam a maneira de aquisição do verdadeiro Conhecimento. A pureza da Consciência é o pré-requisito essencial para Upasana. A concentração num só objetivo é essencial para o Conhecimento de Brahman. Estes dois objetivos podem ser atingidos por meio do Karma (ação) e do Upasana. Assim

alcança-se Brahmajnana. Essa é a razão porque nos Sastras estão descritos primeiro o Karma, depois Upasana e por último Jnana.

No primeiro capítulo do Chandogya, estão detalhados os Upasanas que formam parte do Samaveda. No segundo capítulo, está descrito todo o ritual do Sama. No terceiro, são apresentados o Upasana de Surya (Sol) conhecido como Madhuvidya, o Gayathri Upasana e o Sandilya Vidya. No quarto, são ensinados o Samvarga Vidya e as dezesseis fases do Brahavidya. No quinto, são desenvolvidos os três Vidyas, Alento Vital (Prana), os Cinco Fogos (Panchagni) e o Ser Cósmico (Vaiswanara).

Uddalaka ensinou ao seu filho, Swethakethu, esse Conhecimento que, uma vez conhecido, tudo o mais será conhecido. O conhecimento do barro e do ouro dá o conhecimento de todos os potes e panelas, bem como de todos os braceletes e colares. O barro e o ouro são a verdade, suas modificações e transformações são temporárias, meras formas com nome. Assim também o mundo, como o pote e o bracelete, é apenas o efeito, a causa é "Sath". Sath significa "o Ser", comum a todos os objetos. O pote "é", o bracelete "é". O "Ser" torna-se manifesto por meio da associação com os potes e panelas, braceletes e colares. Ele pode não ser aparente para a inteligência grosseira, pois é necessária sutileza para compreendê-lo. A cor rósea manifestada na rosa "é", mesmo na ausência da flor.

Similarmente, "o Ser", que é a característica universal de todos os objetos, subsiste mesmo na ausência dos objetos. Antes da Criação existia apenas este "Ser". Não havia então vácuo, havia este "Ser" por toda a parte! Quando o "Ser" refletiu-se em Maya, ou Atividade Original, resultou no Criador (Iswara) que compartilhou essa atividade para manifesta-Se como o Universo com seus três elementos,

Fogo, Terra e Vento(ou Ar). Toda a Criação nada mais é que a permutação e combinação desses três elementos.

A linhagem de Uddalaka está embebida no estudo dos Vedas e, portanto, é reconhecida como uma família nobre e de nascimento distinto. Mas Swethakethu, o filho, desperdiçava anos preciosos indo ociosamente atrás do Cerimonial Sagrado de Iniciação Espiritual (Upa-nayana) sem empregar seu tempo nos Estudos Védicos. Isto causou preocupação a Uddalaka, pois aquele que negligencia o estudo dos Vedas, tendo nascido Brahmin(brâmane), não merece esse título. Só pode ser chamado de Brahmanabandhu aquele que tem Brahmins como parentes! Assim, Uddalaka repreendeu-o e forçou-o a ir até um instrutor. Lá, pelo esforço de sua inteligência superior, ele dominou, antes de atingir a idade de 24 anos, os Quatro Vedas com seus significados. Retornou então, orgulhoso e pomposo, cheio de vaidade, declarando que não havia ninguém igual a ele em cultura e virtude.

Para alfinetar seu orgulho, Uddalaka um dia perguntou-lhe: “Você se tornou arrogante por não ter um igual a você em erudição e virtude. Pois bem, você solicitou ao seu Instrutor a Mensagem que revela o Absoluto, a lição que somente a prática dos Sastras pode conferir, a Mensagem que, quando ouvida, faz você ouvir todas as coisas ouvidas, a que quando imaginada, faz você imaginar todas as coisas imaginadas? Você aprendeu isso? Essa Mensagem teria mostrado a você o Atma, que é o ápice de todo o Estudo e Erudição.”

O Atma é a base de indivíduos como Swethakethu. A Consciência pura torna-se aparentemente limitada na variedade de indivíduos. No sono profundo, a variedade desaparece e cada indivíduo retorna ao “ Ser”. Então, toda essa variedade de atividades e experiências, tais como “Eu sou Ranga”, “Eu sou Ganga”, “Eu sou pai”, “Eu sou filho”,

etc., é destruída. A doçura e a fragrância de muitas flores são coletadas e fundidas num mel uniformemente doce, onde todas as múltiplas individualidades de doçuras e fragrâncias desaparecem. Os nomes Ganges, Krishna, Hindus, são todos perdidos quando penetram no mar.

Eles são, a partir de então, chamados de “o mar”. O Jivi(alma individual), que é eterno e imortal, nasce várias vezes como um mortal transitório. Continua a acumular atividades, estimulado por impulsos hereditários, e as atividades realizadas produzem conseqüências as quais carregará nos ombros e sofrerá. É o corpo que definha e morre, não o Jivi ou a Alma Individualizada. A semente de bânica (figueira-brava de Bengala) germinará mesmo que seja esmagada com os pés. O sal colocado na água, apesar de não disponível para ser coletado, é reconhecido pelo gosto! O Jivi, envolto por Ajnana(Ignorância), é incapaz de reconhecer a sua Realidade. O Discernimento revelará a Verdade. Um milionário é seqüestrado e levado sozinho para uma selva, mas descobre uma maneira de fugir e voltar para casa. Assim também o Jivi é restituído aos seus milhões! Uma vez que o Jivi alcance seu Real Status, fica livre de todas as mudanças e alterações com as quais estava envolvido em Samsara, ou Fluxo do Tempo e Espaço, dos Nomes e Formas. Se não atingir esse status, então, assim como uma pessoa que dorme feliz desperta para a confusão do dia, ele nascerá no mundo de decadência e morte.

Brahman é descrito como Ekameva-adwithiyam. Todo esse mundo visível é designado como Tatswarupa, ou a Forma de Brahman. Isto pode ser experimentado ou realizado por meio de Sagunopasana, ou adoração da Divindade qualificada e limitada, como fizeram Sathyakama e outros. O caminho de Brahmapasana é também chamado de Sushumna Marga (caminho da corrente nervosa que passa

pelo corpo). O onipresente Brahman pode ser contido e descoberto no firmamento do coração! É a capital desse Rajá (Soberano). Uma vez que está lá alojado, o coração é chamado Brahmavesma, ou a Casa de Brahman. Esse firmamento, evidentemente, não pode limitar ou definir fronteiras para o ilimitado Brahman!

Os Yogis que se afastaram do mundo objetivo podem alcançar ParaBrahman, que é o Esplendor ou o Conhecimento Realizado, no céu claro e puro dos seus corações. Os mundos são fixados como os raios da roda no centro do seu eixo, que é Brahman. Declínio, decadência e morte não O afetam. Uma vez que essa Entidade Suprema pode conseguir tudo que decida alcançar, Ela é chamada Sathyakama (Desejo da Verdade) e Sathyasankalpa (Vontade da Verdade). Mas o que é exatamente ParaBrahman? Nós podemos conhecê-Lo por um teste. Aquilo que restar, após tudo o que for negado como “não isto”, “não aquilo” – é Brahman.

Esta é a Verdade que todos os aspirantes procuram. Atingindo-A, obtêm o status de imperadores e podem se deslocar para onde quiserem. O Jnani que está estabelecido na Realidade Pura, vê todos os desejos que nascem em seu coração unicamente como expressões dessa Verdade.

O Atma transcende todos os mundos. Ele não é contaminado. Aquele que tem consciência unicamente do Atma estará sempre em Bem-aventurança. O estado de celibato (Brahmacharya) é um degrau importante para o alcance da Sabedoria Átmica. Yajnas (sacrifícios), jejuns e outros votos são igualmente úteis. A energia solar agita-se através de incontáveis nervos do corpo. Os sentidos fundem-se na mente no momento da morte. O Jivi que compreendeu que é tudo isto, embora limitado pela mente, escapa então para o lugar sagrado

do coração (Hridayakasa) através dos nervos. No final, no momento da morte, o Jivi se move para fora da corrente nervosa (Sushumna) em direção aos raios solares e dali segue em direção ao próprio reino do princípio solar (Suryaloka). A jornada não termina ali. Ele alcança também o Reino de Brahman (Brahmaloka).

Mas o Jivi que foi capturado no lamaçal de Ajnana (ignorância), que está identificado com a mente e seus caprichos, escapa através dos olhos, ouvidos ou dos outros sentidos e cai nos Lokas (reinos) onde impera a Lei do Karma. O sentimento de satisfação e de alegria que uma pessoa obtém em estado de sono profundo é o resultado da Ajnana persistindo no indivíduo.

Chitta (aparato da mente, memória, subconsciente) é a fonte e o sustento da Resolução. Todas as resoluções, decisões e planos são produtos de Chitta. Eles são a sua forma, originam-se lá e estão lá registrados. E por isso que quando a morte surpreende um erudito de todos os Sastras, ele se torna igual ao homem comum e seu destino é o mesmo de um Ajnani (ignorante). Chitta deve estar saturado de esforço Bramânico. Somente então será instrumento de Libertação, liberta das algemas da vontade (Sankalpa). A mente, etc., não pode se libertar, mas Chitta pode. Chitta discrimina entre as resoluções, testa-as como obrigatórias e não obrigatórias e justifica, com razões próprias, a classificação que deu às suas decisões. Uma vez que essa seleção é feita, a palavra a pronuncia e o nome lhe dá significado. Os sons-formas especiais, ou mantras, incorporam as resoluções aceitas como dever pelo Chitta purificado. Os rituais tornam-se unos com os mantras. Não pode existir Karma próprio sem Chitta.

A seguir, será tratada a Meditação (Dhyana), que é ainda superior a Chitta. Dhyana é a fixação do Intelecto (Buddhi) no Divino quando

são transcendidas as ajudas exteriores tais como imagens, ídolos ou saligramas⁵⁶. Em Dhyana cessam todas as agitações, nenhuma modificação é percebida. Graças ao efeito do Tamoguna (atributo mental da ignorância) e mesmo do Rajoguna (atributo mental do desejo), todas as coisas criadas, como as águas, as colinas e as montanhas, as estrelas e os planetas, os homens com a centelha do Divino neles, estão presas às agitações e às mudanças.

Vijnana é ainda melhor que Dhyana. Jnana baseada na erudição embebida dos Sastras é conhecido como Vijnana. Ela é alcançada através de Dhyana e, portanto, é de mais valor que esta.

Superior a Vijnana é Balam... Força, Coragem, Vigor. Ele ilumina o mundo objetivo, aguça Prathibha ou Intuição. Prathibha é o poder pelo qual você pode sentir a Consciência em todo objeto de conhecimento. Mas existe ainda algo superior até mesmo a Prathibha: é Annam, Alimento, Sustento. É o suporte da vida. Privado dele por dez dias, o homem fica sem forças para segurar qualquer coisa. É a vida que torna possível o estudo, o serviço do professor, a atenção aos seus ensinamentos, a cogitação sobre aquilo que foi ensinado e a obtenção de Tejas.

Tejas ou Esplendor do Atma é maior que a Intuição ou o Alimento. Tejas é fogo, calor e luz. Tejas cria a água e a água produz o alimento. Tejas pode tornar até mesmo o vento mais leve. Ele brilha como o raio e soa como o trovão.

Lembre-se, Akasa (Éter) é superior a Tejas. É através de Akasa que

56. N.R. = Saligrama: pedra negra sagrada encontrada no Rio Gandaki; objeto de adoração, que traz proteção e serve de ajuda para alcançar a libertação espiritual.

É usada para venerar Vishnu sob uma forma abstrata, i. é, Deus sem forma é um "Saligrama".

os sons são transmitidos e ouvidos. O amor e a atividade são produtos de Akasa. As sementes germinam graças a Akasa.

Agora, considere isto. Smarana, a memória, é superior a Akasa. Sem ela todas as experiências não têm sentido, todo o conhecimento é um desperdício, todo o esforço é sem propósito. Nada pode ser experimentado sem a ajuda da memória. Objetos como o Akasa não seriam reconhecidos na sua ausência. Pode ser dito que a memória cria o Akasa e os outros objetos.

Assim, analisando o valor e a relativa importância dos objetos e das forças, o homem deve desistir da identificação do eu com o corpo físico e reconhecer sua verdadeira Realidade. Tal homem eleva-se à altura de um Uttamapurusha, o mais nobre dos homens. Ele sorri, brinca e se move sem dar atenção às necessidades ou confortos do corpo. O homem ligado ao corpo físico está preso a Samsara (ciclo de nascimentos e mortes no mundo físico)). Para aquele que está livre dessa ligação, o seu campo de atividade é o Mundo da Forma Divina (Swaswarupa). O vento, o raio e o trovão não têm existência permanente. Quando a estação chuvosa chega, eles surgem no céu e fundem-se nele. Assim também o Jivi particularizado aparece como separado por um certo tempo contra o plano de fundo de Brahman e, por fim, funde-se Nele.

Esta Ashtaadhyayi Upanishad ensina as seqüências de objetos desenvolvidos a partir de Hiranyagarbha, Kasyapaprajapathi, Manu e Manushya. Esta linhagem e as lições para enobrecê-la são vitais para a humanidade. Elas devem ser ensinadas aos filhos e estudantes através dos pais e professores.

X - AITHAREYOPANISHAD

Esta Upanishad está incorporada ao Rig Veda. Brilha adornada por seis capítulos que descrevem o Princípio Átmico Absoluto. Por isso é conhecida como Atmashataka, ou os Seis Átmicos. A Visão do Atma como resultado da destruição da Ilusão e da Ignorância torna-se possível ao aspirante por meio desta Upanishad. O termo é utilizado de duas maneiras: Vyavahara (atividade mundana) e Visistha (supremo, distinto). Empregado no sentido de Vyavahara, indica o Jivi (Alma Individual). Em todos os Jivi o Atma se expressa no mundo exterior através dos sentidos da percepção ou Jnanendriyas. A palavra é derivada da raiz Ath, que significa “expansão, consumação, movimento”, entre outras coisas. Assim, a palavra Atma significa a imanência universal, a assimilação universal e o movimento perpétuo. Isso quer dizer que Atma significa o próprio Brahman.

No estado de vigília, ele desfruta todas as experiências. No estado de sonho, todos os sentidos de percepção e de ação refreiam suas atividades, mas o Jivi cria suas próprias formas e nomes com base nas experiências e impressões adquiridas do mundo exterior. No estado de “sono profundo”, torna-se imanente em toda parte e assume sua função básica de bem-aventurança pura, inconsciente de qualquer coisa do mundo exterior ou interior. O significado do mundo está em conformidade com a experiência dos três estados supracitados. Devido à aparente limitação no tempo, espaço e condição, o Atma é também tido como condicionado e limitado, mas essa não é a sua natureza real. Ele é sem fim, sem começo, imutável. Tudo sabe, tudo pode realizar. Não possui atributos. É eterno, imaculado, consciente, livre. Não possui uma segunda parte. Ele é único, é um todo sem partes.

O mundo externo é conhecido por meio da percepção direta, etc. Assim, tudo o que for capaz de ser designado como isso ou aquilo ou indicado por um nome ou uma forma está classificado pelo conceito de “Criação”, Srishti. Criação significa um ato, um resultado. O que havia então antes desse ato? “Antes disto, havia somente o Atma” (Idam agre, Atma eva aseth). O Jagat ou Mundo é um produto que estava latente. Mais tarde tornou-se patente. No estado latente, ele estava imanifesto no próprio Atma. Quando o anseio de manifestar-se apareceu, a multiplicidade de nomes floruiu e toda esta variedade surgiu visível aos olhos. Ser perceptível pelos sentidos... este é o teste da manifestação.

O nome é fundamentalmente o som manifestando-se como palavra. Na afirmativa: este é Ranga, quando o som Ranga é produzido, o ouvinte volta-se para a pessoa indicada diante dele e identifica-a como Ranga. A palavra e o seu significado são inseparáveis. Ambos eram inexistentes antes da Criação. Logo, o Atma e o Jagat imanifesto eram inalcançáveis pela Inteligência e pelo mundo que a inteligência molda. Após a Criação, desde que o Nome e a Forma se tornaram a essência de tudo isto, tudo pode ser alcançado pelas palavras e seus significados. O Atma é o não-dual que foi, é e será. As múltiplas manifestações de variedades proliferando em nomes e formas é Jagat. Mas, essencialmente, Jagat é apenas uma única Substância (Vasthu).

O Oceano, único e uniforme, aparece como espuma, bolha, onda e ondulação. Assim também a Criação tornou manifesta a aparente multiplicidade do Único imutável. A multiplicidade (percebida) é devido à miopia, à ignorância. Não há necessidade de se postular uma segunda entidade diferente do Atma. A ignorância ou miopia ou Maya é somente um produto da vontade do Atma. A Força não

é distinta do homem forte, não é assim? O Atma é destituído de distinções, seja dentro de uma mesma variedade, seja entre espécies diferentes ou dentro da sua própria característica única. Ele é categoricamente declarado Eka eva : Unicamente Um.

Mas não fica claro tão rapidamente que tudo isto é apenas Um. A impressão é como uma corda com a aparência de cobra, ou seja, é a ilusão de uma miragem. Também o Atma nos engana com a aparência de Jagat. Tudo é truque de mágico, manipulado pela vontade do Absoluto. A corda é a causa primária da ilusão da cobra na corda. O Atma está além do alcance dos sentidos, não possui membros ou corpo. Somente a explanação de que tudo isso é uma ilusão irreal pode satisfazer o crítico que questiona como o Jagat pode emanar do Atma, que é unicamente Consciência pura.

Tudo é Atma, até mesmo Maya, que é a ilusão da variedade. Ela é tão forte que causa a execução das ações através de instrumentos como os órgãos sensoriais. Você então declara que foi sua vontade e sua força que fizeram aquela ação, apesar de ter sido a ilusão que foi manifestada pelo Atma que realizou a ação.

O mundo criado dessa forma é destituído de Consciência e, portanto, deve ser considerado como um mecanismo (yanthra). Como pode uma máquina operar após sua manufatura e mesmo a sua instalação, sem um mecânico ou maquinista? Ele criou Virat-Purusha (a pessoa Cósmica) a partir dos cinco elementos. Dotou-o também com cabeça e membros. Como a figura de barro feita pelo oleiro a partir da terra por ele escavada, o Virat-Purusha foi produzido a partir dos elementos. Dos membros desse Purusha foram criados os Lokapalas (Reinos). Então, cada sentido foi separado e provido de uma deidade apropriada. Por exemplo: na frente, o rosto e a boca, com o

Fogo (Agni) como a deidade de Vak ou fala, que é a função da boca, do nariz e dos olhos. Desta maneira os sentidos e suas respectivas deidades foram criados e designados.

Estas deidades abençoam os sentidos e verificam se eles funcionam corretamente. A aparência externa do olho, do nariz e do ouvido pode ser excelente, mas sem a ajuda da deidade diretora, eles não podem funcionar de forma alguma. A vaca e o cavalo foram criados das águas e oferecidos aos deuses. Mas eles ainda estavam descontentes. Então, para atender às suas súplicas, foi criado Purusha de forma similar ao Virat-Purusha. Uma vez que esse Purusha foi associado ao discernimento ou Viveka, os deuses ficaram encantados. Todos os outros corpos, diferentes dos corpos humanos, são meros instrumentos para experimentar os frutos da ação. O corpo humano é o único instrumento para a libertação.

O Senhor, após a entrada no corpo, torna-se o governador da conjugação dos sentidos e da mente com o mundo objetivo. Como um ator, Ele faz contato com o mundo exterior e experimenta todas as lições dos nascimentos anteriores. Na Presença do Senhor, a dançarina Buddhi (Intelecto) baila seus passos observando o momento oportuno de agir pelos sentidos, movendo-se de um objeto para outro.

Assim o Senhor ilumina todas as coisas através da forma do Jivi. O Paramatma, que está limitado como Jivatma, possui três áreas de recreação: o olho, a garganta e o coração. Os olhos brilham com um esplendor especial quando a realização de Brahman é conseguida ou mesmo tentada pelo Jivi. Isto é um fato evidente. Quando o Jivi ganha o conhecimento de sua realidade, ele pode não ser capaz de descrever como todas as coisas não são nada além do Atma, mas conseguirá o conhecimento de que o próprio Brahman está apare-

cendo como todas estas coisas. Aquele que sonda profundamente a unidade de Jiva com o Brahman certamente descobriu o objetivo da Vida, não há dúvida disso.

Os estados de vigília, sonho e sono profundo não estão relacionados com o Atma. Eles são concernentes apenas às causas e efeitos físicos e sensoriais. Todo ser humano possui dois corpos, o seu próprio e o progenético. Os trabalhos de estudo, ensino, disciplina (Japa) e outras tarefas indicadas são transmitidas de pai para filho no momento da sua morte e passam a ser realizadas pelo filho como representante do pai e em nome dele. Então, o pai deixa esse corpo e assume outro mais em conformidade com as ações e tendências cultivadas e estabelecidas neste nascimento. Esse é o terceiro nascimento do pai. Os três primeiros mantras falam acerca dos dois nascimentos, o físico e o espiritual. Agora um terceiro é adicionado, a continuação pelo filho.

Vamadeva Rishi compreendeu o Ser Supremo no homem (Atma Swarupa) nesta forma e tornou-se liberado de todo o constante fluxo do mundo objetivo.

XI – TAITIRIYOPANISHAD

Brahmavidya é o tema específico desta Upanishad. Ela possui três seções: Siksha Valli, Ananda Valli ou Brahma Valli, e Bhrigu Valli. As últimas duas seções são muito importantes para aqueles que estão buscando Brahmajnana. No Siksha Valli estão detalhados certos métodos para sobrepujar os obstáculos colocados nos caminhos dos homens pelos Devas (Anjos) e Rishis (Sábios) e os meios para se adquirir a atenção unidirecionada nos exercícios mentais. Este Valli

possui doze Anuvakas ou Seções. Nos outros dois, é dada a mesma instrução, o Varuni Vidya, o qual conduz à Libertação, e portanto eles são praticamente uma só instrução. É por conveniência de estudo que a instrução é tratada em duas Seções, somente isso.

No Siksha Valli estão tratados assuntos como o Samhitha, que não é antagônico ao Karma, e a Upasana (adoração) que está associada ao Karma. Estes assuntos conduzem ao Swaarajya (Auto-governança). Mas apenas por eles não se obtém a completa destruição de Samsara ou Fluxo. A Upasana existe juntamente com o Desejo. Desta forma, como o Karma, mesmo a Upasana não pode trazer a Libertação. Todo este Fluxo, este Samsara, é devido a Ajnana. O resultado é o apego. Portanto, quando Ajnana é destruída, os laços são então soltos e a Libertação é alcançada. Ajnana persiste lá pelas causas naturais. É como a ilusão de que o seu trem está em movimento quando na verdade é o trem adjacente que está se movendo enquanto o seu permanece parado! Observe unicamente o seu trem e verá a verdade. Observe o outro trem e será iludido. Não há utilidade na procura para conhecer a causa desta ilusão. Procure o meio de como escapar dela. Esta Ajnana, que é a semente de onde brota o Samsara, pode ser destruído somente por meio de Brahmajnana. Não existe outro método.

Tudo o que é originado, tudo o que é um resultado, tem vida curta. Isto é evidente através dos Sastras, bem como pela experiência e pela razão. Os Sastras falam de aspirantes que descartaram até mesmo as mais altas regiões como o Céu, que é alcançável por pessoas que realizaram os rituais prescritos, pois a Liberação está além do alcance até daqueles que lá habitam. O Céu e o Inferno são resultados das ações, são criados e, portanto, não podem ser eternos. Eles

estão condicionados ao nascimento, crescimento, declínio e morte. Não existiam desde o verdadeiro começo. Foram produzidos. Antes desse ato não existiam. Aquilo que antes não era e mais tarde não será pode ser considerado como “não sendo”, mesmo no presente. Os frutos do Karma compartilham desta qualidade e, portanto, eles não podem garantir a felicidade eterna.

Nenhum esforço agora pode resultar na criação do Akasa, nada pode produzir novamente o que já existe. A Libertação (Moksha) existe e é auto-evidente. Não pode ser produzida novamente por qualquer Karma. No momento em que Ajnana, que esconde Moksha, desaparece, você fica liberto e conhece sua Realidade. Está livre do cativeiro. Antes desse momento você já era livre, mas imaginava que permanecia preso e se comportava como tal. Como então afastar esta idéia de que está preso? Pela atenção, com fé nos ensinamentos dos Vedas. Somente então Ajnana pode perecer. Esta é a tarefa que Brahma Valli colocou diante de si nesta Upanishad.

Está na natureza das coisas a ignorância que incita o homem a ansiar pela abundância de frutos através da realização de ações. Então, eles ficam desanimados, pois os frutos das ações apenas lhes deixam mais atados e não ajudam a liberá-los. É difícil se livrarem desse anseio pelos frutos das ações, apesar desse terrível fluxo de crescimento e declínio fazê-los tremer de medo.

Nesta Upanishad, as palavras Sathya, Jnana e Anantha estão significativamente ligadas a Brahman para explicar Suas características. Elas são três palavras distintas, significando qualidades que visam distinguir o Um dos demais, distinguir o Brahman Único dos outros tipos de Brahman que não possuem estas características. Isso quer dizer que Brahman não é para ser confundido com qualquer outra

coisa que não seja Sathya, Jnana e Anantha. Tudo o que está limitado no tempo, espaço e na realidade objetiva é Jada (matéria inerte), material aparentemente diferente de Brahman. As características de Sathya, Jnana e Anantha ajudam a diferenciar e distinguir o Brahman real dos fenômenos afins e similares. Qualquer forma (rupa) que algo tenha, se esta forma não mudar, então será reconhecida como Sathya. Se esta rupa sofre mudanças, então é Asathya. A modificação é sinal de inverdade. Ausência de modificação é sinal da Verdade.

Brahman é Sathya, que significa que não possui modificações. É nithya, não é afetado pelo tempo. Tudo o que não é Brahman, isto é, Jagat, está sujeito a mudanças. Todos os objetos estão sujeitos ao processo triplo do intelecto: o conhecido, o conhecedor e o conhecimento. Desse modo, o intelecto ou Buddhi é conhecido como uma guha ou caverna onde habita o processo triplo.

No Taittiriya Brahmana, bem como nesta Upanishad, o Dharma também é tratado cuidadosamente. Ele possui três formas: Kamyā, Naimittika e Nithya. Os Sastras raramente ordenam que o Karma deve ser seguido. Não há necessidade de se fazer isso, pois o Karma vem naturalmente ao homem. Kama (desejo) é o incitador do Karma e dali o homem obtém vários frutos. Os Sastras apenas ensinam as maneiras de direcionar esta atividade natural para assegurar objetivos desejáveis.

A Upanishad exorta a não se desviar das tarefas de estudo e instrução. “Não se desvie do correto e da verdade”, ela diz. “Da verdade não te desviarás, nem do Dharma, nem do bem-estar e da saúde, nem dos deveres para com os Devas e Pitris (ancestrais). Trata tua mãe como Deus. Os trabalhos que sejam livres de erro devem ser adotados, não outros...” Isto é o que a Upanishad ensina.

Atenção, Reflexão e Concentração são as três etapas para a Realização ou Iluminação. A atenção refere-se aos Vedas, que devem ser reverenciados com fé e aprendidos de cor através de um Guru. Este confere o conhecimento do que não pode ser conhecido. Manana ou Reflexão é a penitência (Tapas) ensinada no Bhriguvali. Por este processo o Brahma Atma Swarupa pode ser fixado na mente. A concentração ajuda no desenvolvimento da atenção dirigida ao Princípio então instalado no discípulo. Nos dois Vallis, Brahma e Bhrigu, está exposto Brahmavidya, ou a disciplina que assegura a Realização⁵⁷ de Brahman. O Brahmavalli ensina e o Bhriguvali prova pela experiência.

Bhrigu, filho de Varuna, disse a seu pai que Brahman era o Alimento, o Prana, os Sentidos, Manas, o Vak, etc. Mas, no momento em que o filho aprendeu que estes não eram Brahman, ele declarou que Brahman era aquilo de onde estes elementos nasciam e através do qual viviam e funcionavam. Primeiro acreditou que Annam ou Alimento era Brahman, pois todos os seres subsistem através dele, porém mais tarde sentiu que Brahman era muito mais inclusivo. Ele procurava pelo ensinamento direto do Real, Brahman.

Depois disso, foi dito a ele que Tapas era Brahman, pois era aquilo através do qual Brahman, a Realidade, era conhecida. Descobriu, através de Tapas, que a Sabedoria Suprema (Vijnanam) era Brahman, pois era de Vijnanam que as criaturas nasciam e através da qual elas viviam.

Assim foi anunciado que, de todas as disciplinas e assuntos de estudo, Brahmavidya era a mais sagrada, pura e esotérica. Annam não é para ser depreciado, isso deveria ser uma promessa de todo ser Sábio. Todos os ares vitais são Annam. O corpo físico é o presente de Annam. O Prana, ou ares vitais, possuem o corpo como veículo.

57 * N.R. = Ver comentário acima a respeito da palavra Realização.

Assim, Annam não deve ser desconsiderado. Esta deve ser a resolução. As águas em conjunção com o fogo no estômago transformam-se em comida. Na água que cai em forma de chuva, o “fogo” do raio está inerente. Portanto, quem quer que esteja estabelecido no Apojyothi, ou o Esplendor da Água, está ciente do Esplendor de Annam e persuadido a reverenciá-lo. Annam é o Guru, pois o conduz ao conhecimento de Brahman. Por isso não deve ser tratado com desrespeito. Isso deve ser observado pelo aspirante exatamente como um voto.

Uma vez que o corpo físico é a transformação do alimento, ele possui um envoltório de alimento (Annamayakosa); os ares vitais formam outro envoltório, o do prana (Pranamayakosa). No envoltório da mente (Manomaya-kosa), o homem pondera sobre o bom e o mau, o certo e o errado. O envoltório da sabedoria (Vijnanamayakosa) funciona quando se escolhe um passo com um propósito em vista. Quando é provado o gozo da realização, é o envoltório da bem-aventurança (Anandamayakosa) que está funcionando.

Para progredir na perspectiva Bramânica, isto é, de que você é Brahman e não o corpo etc., o Pranamaya é o primeiro instrumento. Ele é sutil, separado e diferente do corpo físico. É ativado pelo ar (Vayu) e saturado com ele. Permeia e subordina o Annamayakosa (corpo físico) inteiro. Você pode dizer que o Pranamaya é a alma do Annamaya, pois ele realiza suas funções da cabeça até os pés. Annamaya não pode sobreviver sem Prana. Ele é a força motriz. Possui cinco variedades: Prana, Apana, Vyana, Udana e Samana. Pela contemplação de que Pranamaya é o Atma do Annamaya, a noção de que o corpo é o Ser desaparecerá. Você se eleva do denso para o sutil. O Prana é o metal derretido no cadinho. O Pranamayakosa

pode ser experimentado através do esforço.

O Prana aparece na forma da respiração. Ele ativa a cabeça. Vyana ativa a parte direita do corpo, Udana a esquerda, Samana a central e Apana a parte inferior. O Prana se move do coração em direção aos nervos da face, nariz, etc., e alcança a cabeça. Dali, ele alimenta os vários nervos, fluindo através do corpo sob diferentes nomes e funções distintas. O Prana que ronda o umbigo, por exemplo, é chamado de Samana.

Para o Manomayakosa (envoltório da mente), o Yajurveda é a cabeça. Os hinos sagrados do Rigveda (Riks) formam a asa direita, a tranqüilidade (Sama) forma a asa esquerda, o trabalho para compreensão detalhada das Escrituras Vedas (Brahmanas) é a alma; o Quarto Veda (Atharvanaveda) é a cauda. Os mantras do Yajurveda são muito usados nos sacrifícios (yagas). Com eles, o alimento é oferecido cerimoniosamente no Fogo sacrificial, Por isso são considerados como a Cabeça. O som dos Yajus (preces sacrificiais) produz modificações que são auspiciosas. Essa também é a razão da importância atribuída aos outros Vedas. Por esse motivo todos os mantras causam transformações mentais. Estas transformações, por sua vez, iluminam o esplendor do Atma. Em conseqüência, os Vedas e o Mistério de suas Sílabas pertencem à Ciência do próprio Atma. Assim, os Vedas tornam-se eternamente valiosos e existem eternamente. O Atharvana Veda trata dos vários ritos para obter socorro contra as forças maléficas e as doenças, e por isso é descrito como a cauda.

O revestimento (Kosa) assim descrito funde-se no Vijñanamaya e, posteriormente, no Anandamaya e, finalmente, o aspirante vai além desses envoltórios em direção à região de Sath(Existência Absoluta).

XII - BRAHMANUBHAVA UPANISHAD

As Sruthis (outro nome dos Vedas) declaram: “Brahma é Um sem um segundo” (Ekam eva Adwithiyam Brahma). Isso quer dizer que não há nada além de Brahman Sob todas as condições, em todos os tempos, em toda a parte, somente Brahman é presente. No início existia somente Sath (Existência Absoluta) e nada mais, disse a Chandogya Upanishad. A Mandukya Upanishad nomeia-o como Santham (Equanimidade, Serenidade), Sivam (Graça, Bondade) e Adwaitam

(O Único sem um segundo (Adwaita). Apenas os manifestados e desdobrados podem aparecer como dois. Aquilo que é visto é diferente, um do outro, e todos são diferentes do que vê. Além disso, o que é visto é produto dos gostos e antipatias daquele que vê, da sua imaginação e sentimentos, dos seus impulsos e tendências. Quando a lâmpada é trazida para dentro, a “cobra” desaparece e resta somente a corda, sendo compreendida como tal. Quando o mundo é examinado à luz de Brahmajnana, “a imagem ilusória, a representação da Dualidade, que atraía e repelia”, desaparece.

É o “Dois” que causa medo. Se alguém é, ele próprio, o que escuta, o que vê, que faz, o que aprecia, como pode surgir o medo? Considere sua condição quando adormecido! O mundo externo está então ausente, você está sozinho consigo mesmo. É o estado de “Um, sem um segundo”. A contemplação desse Um e o culto a esse Um levando à realização⁵⁸ da “insegundidade(não existência do segundo, de dois)”, dará a você essa experiência (de Unicidade). Como o outro, Ele é Imanente. Como o ar vital, Ele é Chith, o segredo de toda consciência, atividade e movimento.

58. Ver comentário, já feito acima, a respeito do significado da palavra Realização.

Brahman é descrito por estes cinco atributos: Existência Absoluta (Sat), Consciência (Chit), Bem-aventurança (Ananda), Plenitude (Paripurna) e Eterno (Nithya). Através do entendimento desses atributos Ele pode ser alcançado. Sat não é afetado pelo Tempo. Chit ilumina e revela a si mesmo, bem como a tudo mais. Ananda cria a satisfação derradeira. Paripurna desconhece a imperfeição, a diminuição, o declínio ou a derrota. Nithya é aquilo que não é afetado pelo espaço, tempo e objetivação.

Na luz desta Brahmajnana (sabedoria de Brahman), o mundo é uma miragem, temporário, irreal, negado pelo conhecimento. O mundo não passa de um outro nome para “as coisas vistas, ouvidas, etc.”. Mas “Você, o Jivi, o que vê, é o Sat Chit Ananda Brahman” – lembre-se. Fixe-se nessa certeza. Medite no OM, que é o seu melhor Símbolo. Torne-se ciente, a partir deste momento, de que você é o Atma. Quando a névoa da ignorância desaparecer, o Atma em cada um brilhará no seu esplendor natural. Então, você saberá que perseguia uma miragem no deserto de areia, que tomava por “real” objetos que tinham um começo e que, por isso, tinham também um fim.

A mente torna-se presa a apegos quando se fixa num objeto, ou o deseja ou o repugna. Para se livrar de tal ligação a mente deve ser treinada a não se fixar, nem desejar e nem repugnar a nenhum objeto. É a mente que amarra e desamarra. Se ela for dominada pela agitação (Rajas), facilmente cai em cativo. Se a pureza (Sathwa) dominar, ela alcança a liberdade.

Aquele que se sente um com o corpo denso, febrilmente persegue os prazeres derivados dos sentidos. O desejo é a conseqüência da identificação com a estrutura física. Desista dela (estrutura física) e o desejo desistirá de você. Prazer e dor são como o certo e o errado, a

serem transcendidos. Afeição e ódio são da natureza dos instrumentos internos do homem. Eles não pertencem ao “Ser vivente” que vive neles – que é o Jivi ou o Atma, a realidade essencial do Jivi.

O Atma é sempre puro, sempre livre de apegos, pois não há um segundo para se apegar. O mantra do Mundakopanishad (III-i) diz: Dois pássaros, sempre juntos, com asas significativas e sutis estão pousados numa árvore. (A árvore é o corpo e os pássaros são o Jivatma e o Paramatma.) Um pássaro está engajado em provar os frutos (o Jivatma experimenta o prazer e a dor dos atos em que se engaja). O outro apenas observa (o Paramatma é o mais sutil dentre sutis sendo somente uma Testemunha, não afetada).

Como pode esta densa estrutura física feita de plasma e pus ser o puro, o auto-luminoso, o eterno espectador, o Atma? Este corpo é construído pelo alimento, está sempre num fluxo, não existia antes do nascimento e não existirá após a morte! É perecível a qualquer momento. Pode viver sem um ou dois membros, mas no momento em que os ares vitais param o seu fluxo, inicia-se a decomposição. Portanto, o corpo não deve ser tomado como o chefe, como o ser inteiro ou como o fim de tudo.

O Yoga que você deve praticar é: observe a agitação da mente como uma testemunha, livre-se das resoluções e mesmo das decisões, a favor ou contra. Tenha sua mente e suas viagens sempre sob controle. O Yoga é o progresso paralelo do Jivatma, cada passo em compasso com o Paramatma. O objetivo é a união dos dois: então, todas as dores se acabam. Aquele que executar o Yoga com fé e estiver determinado a realizar a renúncia (desapego) sem desvios, certamente obterá a vitória.

Chit no Sat-Chit-Ananda significa Vijnana, o Super-conhecimento que confere a perfeita equanimidade e pureza, de fato é o Atmajna-

na que pode ser vivenciado por um e por todos. Em linguagem comum, Vijnana é utilizada para indicar as ciências, mas, na realidade, significa a Mais Alta Sabedoria. Nessa Swarupa, “Forma-própria”, não há lugar para as “impressões do Karma”, nem para os desejos que incitam o Karma. Os desejos viciam a mente. Os desejos conduzem à ação, a ação deixa uma marca, uma impressão (Vasana) na mente. Fique sozinho consigo mesmo e, então, a mente pode ser negada. É por isso que os Yogis se retiram para as cavernas.

Os Vasanas ou impressões dividem-se em duas categorias: “Subha” ou Benéficas e “Asubha” ou Maléficas. Os Vasanas benéficos ajudam na libertação. Japa (repetição constante do Nome de Deus ou mantra), Dhyana (meditação), Boas Obras, Caridade, Justiça, Serviço, Altruísmo, Compaixão – todos estes são benéficos. As tendências maléficas de Raiva, Crueldade, Cobiça, Luxúria, Egoísmo têm de ser extirpadas com a ajuda das benéficas. E, finalmente, como o espinho com que se retira um outro espinho do pé e depois ele mesmo também é jogado fora, os Vasanas benéficos, que foram utilizados para sobrepujar os Vasanas que ferem, são também descartados. Os Subhavasanas são produtos do apego e mais tarde produzem novos apegos que podem persistir através de vários nascimentos. Aquele que alcançou a Libertação em vida (Jivanmuktha) também tem que vencer os Subhavasanas. Para ele os Subhavasanas devem ser como uma corda queimada que não pode prendê-lo. De fato, o grupo inteiro, o anseio sensorio, desejo, cobiça, são queimados no momento em que o Atma é visualizado. Ele não terá inclinação por qualquer pessoa ou objeto, nem terá apego a coisa alguma. Onde o Sol se põe, lá ele se deita para descansar. Ele se move entre os homens, desconhecido e sem ser reconhecido, não busca reconhecimento, até mesmo evita isso.

Quando aquele que vê e o que é visto são o mesmo, o regozijo é descrito como de quarto estágio, o estágio de Thuriya. Além dele o Atma será certamente alcançado. Residindo constantemente no Atma e em Sua Realidade, o apego ao mundo será desatado. O Sadhana deve ser realizado sem interrupções. O Sadhaka genuíno deve, com todos os seus recursos, redirecionar sua mente para fora dos afazeres do mundo e dos objetos que atacam os sentidos, e concentrar-se no propósito austero de conhecer Brahman.

As resoluções tamásicas produzem dor. As resoluções sátvicas promovem o Dharma e ajudam a sustentar a sociedade e o indivíduo. As rajásicas fazem-no mergulhar na corrente mundana. Desista dessas três e então estará habilitado para a honra de Brahmajnana.

Brahman é de imensurável profundidade. Como Ele pode ser medido e compreendido por esta tola mente? Ele é Aprameya, além de toda a possibilidade de ser descrito por categorias. É Aparichhinna, sem limites. É Avyapadesya, além de conotações. Alcançá-lo através dos sentidos é uma tarefa impossível.

“O Brahman, que a Vedanta declara como podendo ser expresso somente como ‘Não-isto, não-isto’, é o próprio-Eu. Minha realidade é o Brahman na cavidade do meu coração. Eu sou esse Brahman que os Sadhakas lutam por conhecer e ser bem sucedidos em alcançá-Lo. O Brahman é Aquilo que resta após a subtração do corpo, da mente, dos ares vitais, do cérebro, etc.”. Este conhecimento é alcançado pela disciplina da negação. Somente por esse método de eliminação, chega-se à conclusão: “Então, esse é Devadattha (o Deus Supremo)”. Por esse princípio de “Jagrathajagratha”, a verdade, “Tat twam asi”, “ Tu És Aquele,” é estabelecida. Quando o véu que esconde o Jivi é removido, ele é revelado como o Paramatma ou Parabrahman. O Jivatma é da mesma essência do Paramatma.

O “Eu” refere-se a esta Realidade - Sat-Chit-Ananda. Somente a ignorância utiliza esse termo para indicar o corpo! É essa ignorância e a identificação incorreta do Eu com o corpo que causam dos capítulos contínuos de dor e prazer. Portanto, empregue a palavra “Eu” com discernimento para significar somente a sua Realidade Bramânica. Isso fará você alcançar Atmajnana .

Para vivenciar o Atma como sua Realidade, são essenciais o controle dos sentidos, a remoção do apego físico e a verdade. O Brahman é o Brihaspathi estimulando Buddhi (Intelecto Superior), o Manas do manas, o Ouvido do ouvido, o Olho do olho, o Iluminador do Auto-Illuminante. Seu esplendor é a luz de onde tudo o mais emana. Ele é o Sustento e a Fonte Básica. Na Mente, Ele é a Sabedoria. Manas e Buddhi envolvem os sentidos. Sem Ele, o Manas e Buddhi são incapazes de funcionar. Eles emergem Dele e fundem-se Nele, como a grama que nasce da terra e depois se torna novamente parte dela. O ferro colocado no fogo torna-se vermelho e depois retorna novamente a sua cor negra quando resfriado: assim também o Buddhi torna-se resplandecente de Jnana, ao residir no Parabrahma, que é Jnanaswarupa (Personificação da Sabedoria).

Deus está encapsulado em todo lugar, como a criança no útero materno. Alguns declaram que somente acreditarão num Deus que pode ser visto e demonstrado. Este é o argumento usual da mente mundana. Mas não é fácil ver o Paramatma com os densos olhos físicos, pois Ele é o mais sutil que o mais sutil. Você deve, primeiro, pedir um microscópio poderoso que seja adequado a esse propósito. Qualquer um dos dois -o Jnana Chakshu ou o Prema Chakshu, o Olho da Sabedoria ou o Olho do Amor, são os instrumentos requeridos. Somente com esses instrumentos você pode ver Deus. Você

pode mostrar aos outros o que é a coisa chamada “dor” ou a “doçura”? Os olhos não podem ver coisas abstratas como o amor, a pena, a misericórdia, a virtude, a fé. Está além das suas capacidades.

Mas pelas palavras, ações e comportamentos, você infere que uma pessoa possui Amor em seu coração. Assim também é possível julgar se uma pessoa é um ser realizado no conhecimento de Brahman (Brahma-vid), o quão profundo ela está estabelecida na sua própria Realidade, se é por capricho e ímpeto iniciais ou se é com estabilidade e segurança. Através das Suas qualidades Ele pode ser identificado e revelado: Sabedoria Divina, Riqueza Divina e Harmonia com a Natureza. Por isso, empenhe-se, por todos os meios, para alcançar qualquer um dos dois, o Jnanachaksu ou o Premachaksu.

Exatamente como o açúcar na cana-de-açúcar, ou a doçura no açúcar, o Paramatma é sempre Imanente na Criação. Ele é o âmago central de todos os seres. Está em toda a parte, sempre em tudo, não possui forma. O Atma é “A-thanu,” “não possui corpo”. É o morador interno, o Purusha. Somente descartando o apego ao corpo e purificando a mente e o Buddhi que você se unirá na sua Verdade e obterá a eterna Bem-aventurança, a mais alta Paz Suprema (Prasanthi), a mais Pura Sabedoria. Somente assim o homem pode alcançar a libertação do cativo de nascimentos e mortes.

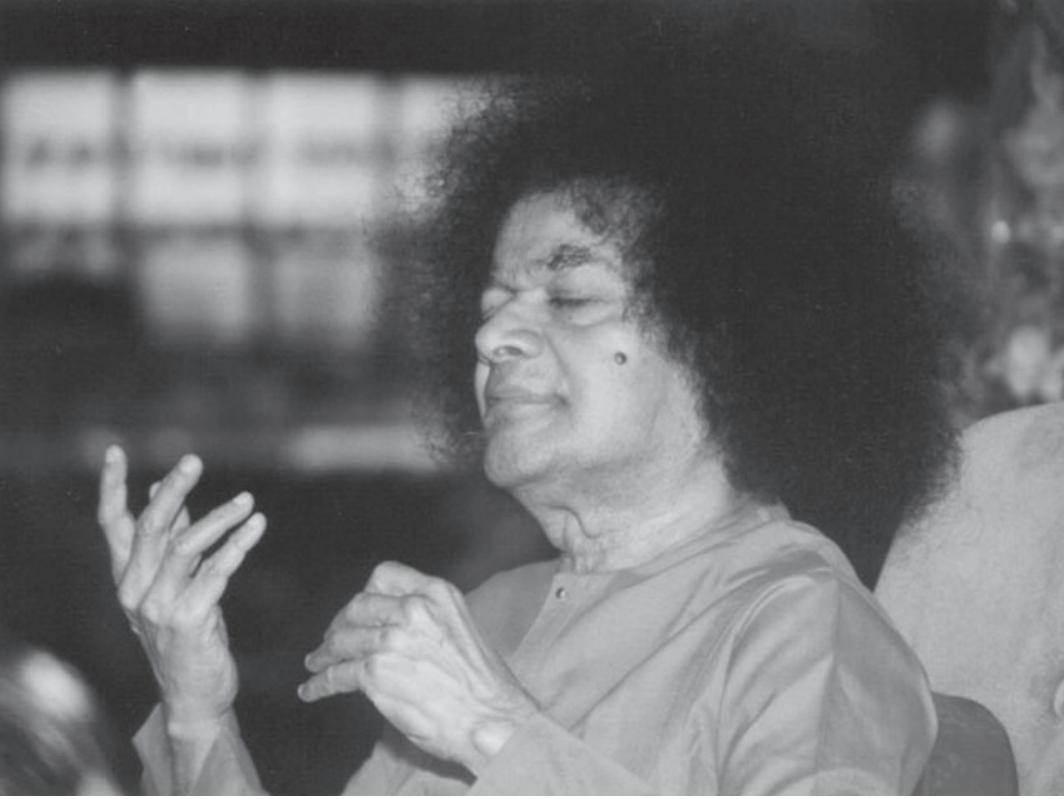
“Deha”, a palavra que significa o corpo, é derivada da raiz “dah”, que significa “queimar”. Isto implica que o corpo deve ser queimado. Mas o Jnani possui três corpos: o denso, o sutil e o causal. Qual o corpo então que é queimado? Os combustíveis: o que é causado pelo mundo (Adhibhoutika), o que é causado pelo destino (Adhideivika) e Adhyatmika (o que é causado pelo corpo), chamados Thapathraya ou Hridaya-Kaashta, queimam e consomem os três corpos

mais rapidamente que o fogo. Não importa quão informada uma pessoa possa ser, se ela se identifica com o corpo, deve ser chamada de tola. Por outro lado, uma pessoa que estiver fixada na fé de que é Sat-Chit-Ananda será transformada na própria Divindade. Não identifique o Jivi com o corpo denso de carne e ossos, ou mesmo com os corpos sutil e causal. O Atma deve ser identificado somente com o Paramatma. Somente então a eterna Bem-aventurança pode emergir. Prazer e dor, bem e mau, pertencem ao reino da Mente, não a você. Você não é o realizador ou apreciador dos frutos das ações. Você é eternamente livre.

A Virtude é Dharma. O Vício é Adharma. São produtos da Mente, correntes que prendem o coração. Quando o homem experimenta a Mais Alta Verdade, torna-se livre de ambos e alcança a visão da Realidade. Como o bicho-da-seda que fica emaranhado e aprisionado no casulo que teceu em torno de si mesmo, assim também o homem tece um casulo de desejos em torno de si e sofre.

O Atma está sempre desembaraçado. Ele é “A-samsari” - “Liberto da corrente”. Sua natureza é a pureza, a totalidade, a alegria, a sabedoria. Onde o Ego estiver, lá o cativo persistirá. Onde não existir o “eu”, lá dominará a liberdade. O “eu” é a verdadeira algema.

Existem três obstáculos no caminho daquele que busca o Atmajana. Os obstáculos do passado, do presente e do futuro. Estes devem ser superados. O Jivan-muktha não está preocupado com estes obstáculos. Ele foi para além da tripla distinção entre aquele que vê, o que é visto e a visão. Reconheceu que a distinção é artificial, um produto da mente. Uma vez que você vença a Ilusão Tripla de Triputi experimentará Brahman em todas as coisas e em todos os tempos.



OM SRI SAI RAM

